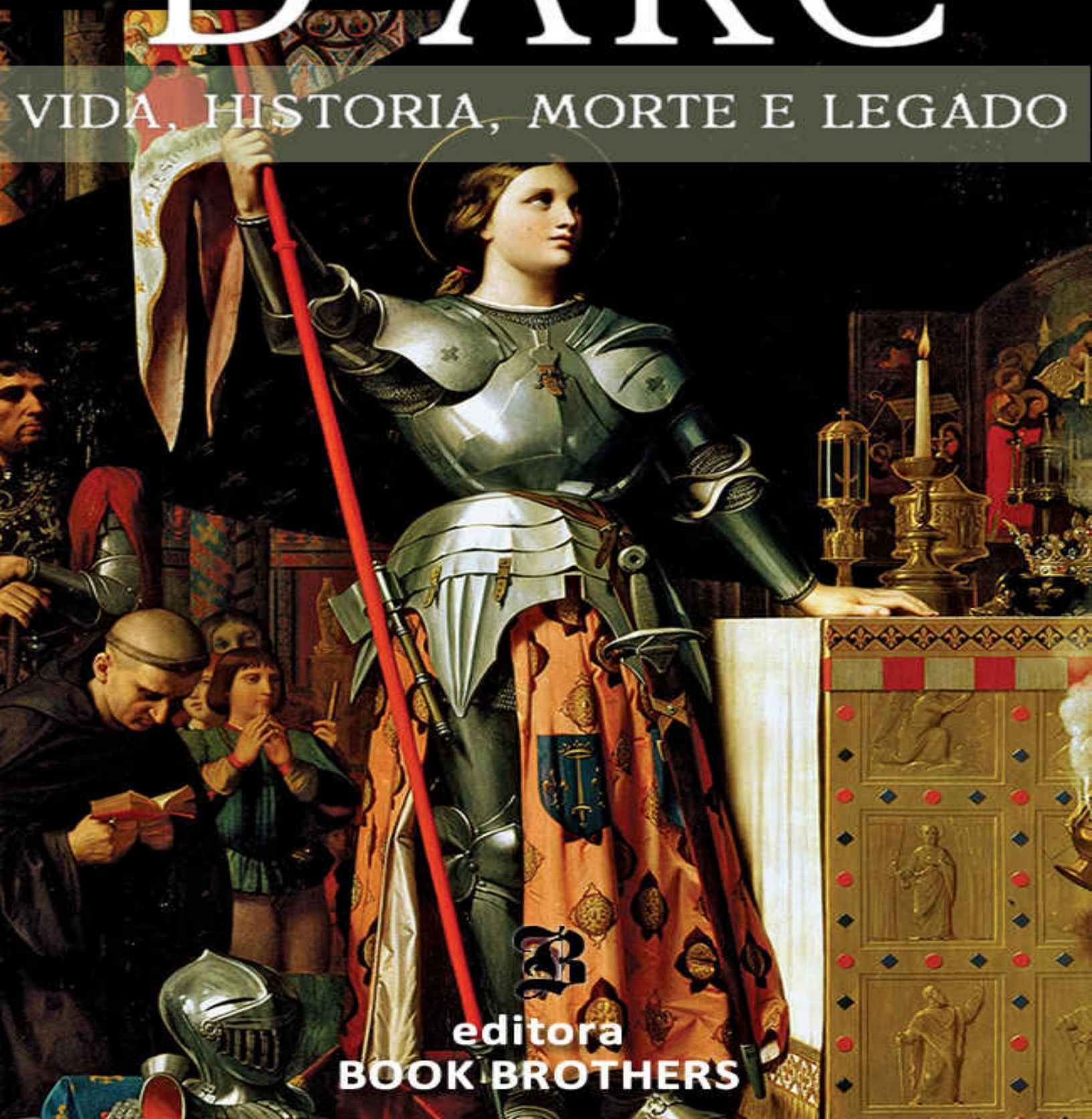


—JOANA— D'ARC

VIDA, HISTORIA, MORTE E LEGADO



editora
BOOK BROTHERS

JOANA D'ARC

A Incrível história real da mulher que mudou a Europa para sempre

Copyright © 2021. Franklin J. Harris. Editora Book Brothers.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610/1998.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Exceto em casos de autorização prévia por escrito do autor.

OceanofPDF.com

SUMÁRIO

<u>Capítulo 1 A guerra sem fim</u>
<u>Capítulo 2 Uma Profecia Sussurrada</u>
<u>Capítulo 3 A Primeira Visão</u>
<u>Capítulo 4 A dúvida de Baudricourt</u>
<u>Capítulo 5 Uma previsão de derrota</u>
<u>Capítulo 6 Uma audiência com o rei</u>
<u>Capítulo 7 A estrada para Orléans</u>
<u>Capítulo 8 Chegada a Orléans</u>
<u>Capítulo 9 Voando a bandeira branca</u>
<u>Capítulo 10 Um sinal fornecido</u>
<u>Capítulo 11 A Batalha de Patay</u>
<u>Capítulo 12 Feijão para o Apocalipse</u>
<u>Capítulo 13 O Rei Francês Coroado</u>
<u>Capítulo 14 O cerco de Paris</u>
<u>Capítulo 15 Paz</u>
<u>Capítulo 16 Captura</u>
<u>Capítulo 17 Cativo</u>
<u>Capítulo 18 Um santo julgado por heresia</u>
<u>Capítulo 19 A Queima de Joana d'Arc</u>
<u>Conclusão</u>

Não tenho medo dos soldados, pois meu caminho está aberto para mim; e se vierem os soldados, eu tenho Deus, meu Senhor [...]. Foi para isso que nasci!

- Joana D'Arc

Introdução

Joana D'Arc. Alguns a vêem como uma lunática; alguns, como um pedaço da história tristemente incompreendido; outros, como um gênio sedento de poder; e a Igreja Católica, como santa e símbolo de fé, humildade e coragem diante da perseguição. No entanto, uma coisa não pode ser negada: Joana d'Arc foi uma das figuras mais notáveis na história da raça humana, e sua vida extraordinária é um conto fascinante que deixa muitas perguntas sem resposta pela história.

Quando Joana entrou em cena, a França era um país em apuros. Quase totalmente derrotado pelos ingleses, estava a ponto de se tornar pouco mais que uma joia da coroa inglesa. O legítimo herdeiro de seu trono, o Dauphin Charles, era um homem desanimado e taciturno que desistira de governar seu país. O tempo nunca esteve mais maduro para um salvador, e mesmo assim nenhum salvador foi tão improvável quanto Joan. Ela não era uma guerreira, nem uma princesa, nem foi educada de nenhuma forma. Em vez disso, ela era apenas uma camponesa e, além disso, uma mulher. Na era medieval, tal pessoa praticamente não tinha consequências.

Exceto que Joana não deixou que isso a impedisse. Inspirada pelo que ela acreditava ser uma revelação divina, ela ousou exigir uma audiência com o delfim, mesmo sendo o nascimento mais baixo que se possa imaginar. Ela podia não saber ler ou escrever, mas estava determinada a salvar seu país. Já foi dito que a fé pode mover montanhas. É difícil imaginar uma montanha maior do que aquela que movia a fé de Joana.

A história de Joana quase parece um romance em vez de uma parte da história. Ela era uma salvadora brilhante em um cavalo de guerra, agitando sua bandeira branca e chamando seus soldados para a vitória; mas ela também era dolorosa e intensamente humana, uma jovem que chorava e sangrava assim como todos nós. Ao mesmo tempo, é tão fácil se relacionar

com Joana quanto ficar impressionado com seu caráter incrível. Ela pode ter sido beatificada como uma santa, mas Joana d'Arc era em muitos aspectos um ser humano muito comum, uma pessoa que sentia dor e medo, uma pessoa que cometeu erros e que teve momentos de fraqueza. Este livro a acompanha em sua jornada extraordinária. Sinta seu terror quando ela teve suas primeiras visões. Veja sua determinação ao convencer um capitão cínico a conceder sua passagem para o delfim. Experimente sua alegria e fé ao liderar o exército francês em vitória após vitória. Chore ao lado dela enquanto o rei da França a traiu. Sofra com ela durante sua longa prisão nas mãos de seus inimigos. E chore com as testemunhas que a viram ser queimada por um crime que não cometeu.

Ela era Joana d'Arc, uma pessoa cuja vida permanece envolta em mistério, mas mesmo assim uma aventura fascinante. E esta é a história dela.

OceanofPDF.com

Capítulo 1

A guerra sem fim

Tudo começou com um bebê - uma menina, para ser exato. Se a pequena e recém-nascida Blanche da França, nascida em 1º de abril de 1328, tivesse acabado de vir ao mundo como um menino saltitante em vez de uma menina, então a guerra poderia nunca ter começado. Era uma coisa distorcida que uma pequena dobra do destino tivesse a capacidade de causar uma tragédia tão generalizada e duradoura - e se não fosse pelas leis sexistas da época, não teria havido conflito pelo trono da França. No entanto, Blanche, a mais jovem das duas filhas sobreviventes do rei Carlos IV, nasceu em uma época em que uma mulher não tinha permissão para governar o reino da França. E assim, foi declarado que o falecido pai de Blanche morrera sem herdeiro. A dinastia Capetian acabou com ele.

O rei Carlos IV era o filho mais novo sobrevivente de Filipe IV, que tinha três filhos. Cada um deles havia sido rei, por sua vez, após a morte de Filipe: primeiro Luís X, depois Filipe V e, finalmente, Carlos. Os únicos outros irmãos que sobraram foram uma irmã mais velha, Margaret, e uma mais nova, Isabella. O irmão mais novo de Charles, Robert, morrera ainda menino. Novamente, por causa de seu gênero, nenhuma das mulheres poderia assumir o trono. Mas talvez Isabella pudesse fornecer um herdeiro - um herdeiro que seria muito insatisfatório para a nobreza francesa. Em uma tentativa de melhorar as relações diplomáticas entre a França e a Inglaterra, Isabella se casou com o príncipe da Inglaterra quando tinha apenas 12 anos. Mas agora ela era uma mulher adulta na casa dos trinta, uma mulher ferozmente inteligente que ganhou o título de She-Wolf da França, e seu marido era o adolescente Rei Edward II da Inglaterra. Como o parente masculino mais próximo do falecido rei da França, Eduardo tinha uma reivindicação legítima ao trono francês.

A nobreza francesa lutou para evitar o impensável de um homem ser o rei da França e da Inglaterra. Eles conseguiram encontrar um herdeiro alternativo. Filipe de Valois fora um nobre razoavelmente menor como filho de um conde; muito de sua vida antes da morte do rei Carlos IV foi perdida para a história, pois ele não foi considerado importante durante sua infância. Mas seu pai, embora um nobre menor, também era o irmão mais novo de Filipe IV - o pai de Carlos IV - o que tornava Filipe de Valois o parente mais próximo do falecido rei através da linha masculina. Ele foi coroado às pressas rei Filipe VI da França antes que Eduardo pudesse reivindicar o trono.

Para esfregar sal na ferida, Eduardo não era apenas rei da Inglaterra, mas também duque da Aquitânia - um grande ducado na França - devido ao fato de que os reis da Inglaterra há muito deviam sua herança ao sangue francês desde as vitórias de Guilherme, o Conquistador em 1066. Por essa razão, Eduardo também era tecnicamente vassalo do rei da França, o que o obrigou a homenagear o rei. Prestar homenagem era uma cerimônia humilhante que envolvia jurar fidelidade e mostrar submissão, e Eduardo não pretendia homenagear um rei que ele acreditava ter roubado seu segundo trono.

Isabella se casou com Edward em uma tentativa de fazer as pazes. Em uma terrível reviravolta do destino, esse mesmo ato acabou gerando o conflito mais longo da história europeia. Não demorou muito para Edward, um adolescente cabeça quente, violar a cerimônia de homenagem ao usar sua espada e coroa em vez de ficar com a cabeça descoberta como era costume. Em retaliação, Philip tentou confiscar a Aquitânia. Eduardo aceitou o desafio ao forçar sua reivindicação ao trono francês. Em 1337, soou o chamado às armas. Foi uma guerra.

* * * *

A Guerra dos Cem Anos se tornou conhecida como um dos conflitos mais longos da história do mundo. Até a Primeira Guerra Mundial reivindicou esse título, também era conhecido como a Grande Guerra. A partir de 1337, permaneceria principalmente um conflito sobre a sucessão, ocorrendo entre a família Plantageneta inglesa e a Casa Francesa de Valois. A quantidade de vitriolo e combate que a guerra acarretou eventualmente transbordou em

várias guerras por procuração, incluindo a Guerra da Sucessão Breton e a Guerra Civil Castelhana, durante a qual a França e a Inglaterra escolheriam cada uma um lado e apoiariam o campeão que escolheram.

A primeira grande batalha, a Batalha de Sluys em 1340, foi uma batalha naval que foi vencida de forma decisiva pelos ingleses, permitindo-lhes invadir a França e sitiar a fortaleza de Tournai. A França revidou, atacando a Inglaterra em três frentes: na própria França, ao longo da costa inglesa, queimando e saqueando várias cidades, e da fronteira com a Escócia por meio de um dos mais importantes aliados franceses - o rei Davi I da Escócia.

No entanto, à medida que a primeira fase da guerra se estendia pelas décadas, a Inglaterra começou a assumir o controle. Os ingleses venceram a Batalha de Crécy usando a destreza de arqueiros comuns para derrotar a magnífica cavalaria francesa, uma derrota vergonhosa para os arrogantes franceses. Isso foi seguido por mais vitórias inglesas em Neville's Cross e Calais, e então, finalmente - após um breve interlúdio enquanto ambos os países estavam ocupados em enfrentar a Peste Negra - Poitiers. Esta última vitória resultou na captura do rei francês, o sucessor de Filipe VI, João II. John foi enviado de volta à Inglaterra e resgatado por uma quantia ridícula de dinheiro.

Em 1360, o rei Eduardo liderou outra campanha pela fragilizada França. O país estava lutando sob o comando de seu jovem líder, o delfim Charles, cujos esforços se concentravam em taxar os camponeses para poder pagar o resgate de seu pai. Eduardo percorreu o país, indo para Reims e Paris, duas das cidades mais importantes da França. Mas a Black Monday acabou com tudo isso. Uma tempestade de granizo anormal eclodiu sobre as tropas de Eduardo, matando vários milhares de homens e cavalos. Eduardo interpretou isso como um sinal de Deus de que essa campanha era contra Sua vontade e voltou para a Inglaterra, resultando no primeiro tratado da guerra. O Tratado de Brétigny renunciou à reivindicação de Eduardo ao trono, mas restaurou a Aquitânia à sua posse. O rei Eduardo voltou para a Inglaterra, deixando seu filho, Eduardo, o Príncipe Negro, encarregado da Aquitânia.

A paz não durou muito. A segunda fase da guerra (conhecida como Guerra Caroline) começou apenas nove anos depois. O envolvimento do Príncipe Negro na Guerra Civil Castelhana o deixou fisicamente doente e financeiramente incapacitado, forçando-o a tributar pesadamente seus súditos na Aquitânia. O próprio rei Eduardo III estava ficando velho e doente, e o rei João II finalmente morreu no cativeiro. Seu filho foi coroado Carlos V. Quando alguns dos nobres do Príncipe Negro da Aquitânia apelaram à ajuda do rei Carlos, o rei francês ficou encantado. Ele estendeu uma convocação polida ao Príncipe Negro, solicitando sua presença na França, quando o Príncipe declarou que ele estaria lá - com um exército invasor. A guerra total começou novamente.

Desta vez, os franceses tiveram a vantagem. Com os dois líderes militares mais importantes da Inglaterra incapacitados pela idade e doença, a França foi liderada por um rei furioso que estava esperando por esta oportunidade por muito tempo. Em 1372, vários territórios estavam de volta ao controle francês, incluindo Poitiers e a importante cidade portuária de La Rochelle. As incursões dos ingleses John of Gaunt e do conde de Buckingham se mostraram ineficazes, pois os franceses continuaram a recuperar o terreno perdido.

Quando o Príncipe Negro, o Rei Eduardo e o Rei Carlos morreram em 1376, 1377 e 1380, respectivamente, eles foram sucedidos por dois meninos reis: Ricardo II da Inglaterra com dez anos e Carlos VI da França, com onze anos. Sua juventude e significativa agitação civil - como a Revolta dos Camponeses ingleses em 1381 - trouxeram um fim repentino às hostilidades. Embora o interregno português de 1383-1385 tenha sido considerado uma guerra por procuração, não teve um efeito estratégico significativo e, em 1389, os reis assinaram a trégua de Leulinghem, encerrando a fase carolina da guerra e dando início a 25 anos de paz inquietante .

Talvez alguns acreditassem que a guerra poderia até mesmo ter acabado. No entanto, a agitação continuou em ambos os países. Em 1392, Carlos VI repentina e inesperadamente experimentou um momento de psicose que o levou a matar um de seus próprios cavaleiros. Ele foi arrastado de volta para seu castelo em laços para sua própria segurança e, infelizmente para seu povo, este não seria o último desses episódios. Ele continuaria a ter

alucinações, delírios e comportamentos estranhos pelo resto de sua vida. Sem um governante, a França se viu incapaz de lutar em grande escala.

A própria Inglaterra também não estava em posição de invadir. Ricardo II foi deposto por Henrique de Bolingbroke, logo coroado Henrique IV, que foi cercado por todos os lados por rebeliões da Inglaterra e do País de Gales. A França apoiou a rebelião galesa, mas foi esmagada em 1415 pelo filho de Henrique IV, um jovem particularmente cruel que coroou o rei Henrique V em 1413.

Com a paz estabelecida em seu próprio país, Henrique V decidiu expandir seu governo. E ele sabia que a França, com seu rei louco, era um alvo fácil.

OceanofPDF.com

Capítulo 2

Uma Profecia Sussurrada

França, 1415. Harfleur acabara de cair nas mãos dos ingleses. O porto ofereceu uma resistência corajosa, resultando em um cerco que durou mais de um mês, apesar das forças significativamente superiores de Henrique V. Mas em 22 de setembro, a cidade finalmente caiu e Henrique estabeleceu uma posição firme em solo francês, onde poderia receber reforços.

Toda a França tremia em suas botas. Havia vários líderes militares franceses fortes na época, mas os surtos de loucura do rei Carlos VI apenas se intensificaram e se tornaram mais frequentes à medida que a idade continuava a afetar sua saúde mental precária. Sem um único líder unificador, o exército francês estava se debatendo diante da poderosa força de Henrique. Henrique atacou com determinação obstinada, enquanto a nobreza francesa disputava arrogantemente entre si, e os plebeus se viram sobrecarregados e sem inspiração por sua liderança. Muitos nobres franceses estavam começando a se perguntar se não seria melhor apenas se render aos ingleses e se permitir serem liderados por um rei que estava em plena posse de suas faculdades mentais, além de ser um líder militar talentoso.

Mas os plebeus e muitos outros nobres não quiseram saber disso. Eles eram franceses e queriam permanecer franceses sob um rei francês. E foi entre essas pessoas que a profecia começou a circular.

* * * *

Enquanto os ingleses se moviam inexoravelmente pelo país, a profecia voou de boca em boca. Era um antigo, que tinha sido recitado há muito tempo, mas quanto mais perto os ingleses se aproximavam, mais rápido a profecia se movia. Uma coisa rápida e sussurrada, ele fugiu antes da horda que se aproximava.

Ninguém sabe ao certo de onde a profecia veio originalmente. Alguns o atribuíram a São Beda, o Venerável, um monge e escritor do século VII. Outros acreditavam que era proveniente de Euglide da Hungria, e outros ainda pensavam que tinha sido feito pelo mago místico da época do Rei Arthur e seus cavaleiros - Merlin. De onde quer que viesse e por mais antigo que fosse (ninguém sabia ao certo), de repente foi lembrado agora. Foi uma coisa desesperada por um tempo desesperador. E os tempos ficaram cada vez mais desesperadores à medida que Henry varria o país. Cidade após cidade caíam diante dele como o trigo diante da foice, começando com a Batalha de Agincourt, onde a enorme força francesa nada poderia fazer contra os ingleses. Caen caiu. Depois, Rouen. Em 1420, toda a França estava em grande perigo com os ingleses invadindo todo o campo. Tão rápido quanto os ingleses se moviam, a profecia se movia mais rápido. Estava em todos os lábios e nos ouvidos de todos os franceses naquela época. Era tão simples quanto aterrorizante, tão ameaçador quanto promissor.

A França será perdida por uma mulher, disse. Mas será salvo por uma virgem das fronteiras da Lorena.

Foi uma profecia estranha para aquela época, considerando que as mulheres eram amplamente consideradas como tendo um papel pequeno na política e certamente nenhum papel na guerra. Mesmo as mulheres nobres eram frequentemente usadas como mercadoria naquela época, sendo casadas para melhorar as alianças por capricho do pai. No entanto, essa profecia parecia dizer que duas mulheres seriam capazes de mudar o destino de toda a França, não uma, mas duas vezes.

Talvez em qualquer outro momento, a profecia teria sido rejeitada. Mas não neste. O povo da França estava desesperado e se apegou a essa profecia com mão de ferro.

* * * *

Os franceses sabiam muito bem que a primeira parte de sua profecia estava para se tornar realidade - a parte sobre a França ser perdida por uma mulher. John the Fearless, duque da Borgonha, tinha o potencial para ser um dos aliados-chave da França; mas quando ciumentos apoiadores do delfim, também chamado Charles, o assassinaram em Paris em 1419, os

borgonheses trocaram de lado para unir forças com os ingleses. A Borgonha tomou Paris e a capital estava oficialmente nas garras do inimigo.

O que os franceses não sabiam é que a segunda parte da profecia já havia sido iniciada. Em 1412, antes mesmo de Henrique desembarcar em Harfleur, nasceu a Donzela da França. No entanto, ela não nasceu na cama de seda de uma casa nobre. Em vez disso, ela foi criada na aldeia camponesa de Domrémy, em uma casa de camponês modesta, mas bastante típica - uma pequena construção torta em um pequeno pedaço de calçada torta, cercada pela floresta e pela igreja. Foi aqui, e não em algum palácio elevado ou castelo majestoso, que o herói da França passaria a infância. A própria Domrémy era uma pequena aldeia de pouca importância no nordeste da França, perto da fronteira com Lorraine, então parte do Sacro Império Romano.

Jacques d'Arc era um fazendeiro e um pilar da comunidade na pequena aldeia. Ele tinha alguns deveres oficiais na aldeia que ajudavam a complementar sua renda em sua pequena fazenda. Sua esposa, Isabelle, era dona de casa, como era típico das camponesas neste período, mas ela demonstrava uma quantidade incomum de piedade - como evidenciado por seu apelido de Romée, um título que indicava que ela havia feito uma peregrinação a Roma em algum momento antes de se casar, provavelmente na adolescência. Ela deu à luz sua filha em 6 de janeiro de 1412. A menina chamava-se Joana d'Arc.

Como a maioria das crianças camponesas, Joana não ia à escola - a educação era um privilégio reservado aos ricos e bem-nascidos. Em vez disso, ela passava o tempo ajudando a mãe em casa, aprendendo os deveres da camponesa medieval: cozinhar, limpar, cuidar dos animais e cuidar do jardim. Um lugar onde ela foi aprender, entretanto, foi a igreja. A Europa na época era um continente profundamente católico, considerando que a Igreja Católica Romana era a única que existia naquela área, e tão pequena Joana ia à missa regularmente, assistida por sua mãe profundamente piedosa. Aqui, ela aprendeu tudo sobre os santos e, o mais importante, sobre Deus. Todas as informações que Joana recebeu sobre Deus foram dadas a ela por meio de um padre. Ao contrário dos cristãos modernos, Joana não aprendeu

sobre Ele sozinha lendo a Bíblia. Embora a Bíblia tenha sido totalmente traduzida para o francês pela primeira vez em 1377, isso não beneficiou muito a jovem Joana: como a maioria dos camponeses, ela não sabia ler nem escrever. Mas ela podia ouvir. E escute ela fez, com atenção extasiada ao lado de sua mãe em massa, enquanto ela ouvia sobre esse Deus que havia criado o mundo e colocado tudo em movimento. Ela foi informada sobre Jesus, a encarnação humana de Deus, e Sua morte na cruz para libertar todos os pecadores. E a pequena Joana se apaixonou imediatamente. Seguindo o exemplo zeloso de sua mãe, ela dedicou seu coração e alma ao serviço de Deus, aprendendo suas orações e seguindo os mandamentos que lhe ensinaram.

Talvez, mesmo quando criança, Joana soubesse o quão humilde ela era. Ela era apenas uma criancinha camponesa e ainda por cima uma menina - sem dúvida a pessoa menos influente em toda a França. Mas ela tinha uma coragem e uma fé que se recusava a ser apagada.

* * * *

Joana tinha oito anos quando a França finalmente caiu. Henrique V, em sua busca para obter o trono, havia feito seu caminho para Troyes, e foi aqui que o próximo tratado da Guerra dos Cem Anos foi assinado. O rei Carlos VI ainda estava mergulhado em sua loucura, perdido em um mundo estranho e paranóico onde tudo poderia acontecer, e seu filho, o Delfim, era uma figura impopular entre os franceses, com rumores de que ele havia ordenado o assassinato do duque de Borgonha e, assim, colocou a França na posição em que agora se encontrava. A rainha Isabel da França, esposa de Carlos VI, decidiu que algo precisava ser feito. Ela mesma não era a favorita do povo francês. Há muito eles acreditavam que ela tivera um caso com o irmão de Carlos VI, possivelmente resultando no nascimento do delfim. Agora, no entanto, ela decidiu que estava cansada de ser a rainha de um país sitiado. Ela concordou em assinar um tratado com Henrique que declararia o delfim ilegítimo e daria a Henrique a mão de sua filha, a princesa Catarina, em casamento. O Tratado de Troyes foi menos um tratado e mais uma rendição francesa. Ao assiná-lo, Henrique estava recebendo não apenas uma princesa para se casar, mas também a sucessão ao trono francês. Carlos VI reinaria até sua morte, mas se Henrique e

Catarina tivessem filhos, eles herdariam o trono da França. A França estava a uma geração de ficar sob o controle inglês.

A primeira parte da profecia se cumpriu. Isabeau havia cedido o direito de primogenitura do delfim, perdendo a França para os ingleses. Foi perdido por uma mulher. Mas seria salvo por uma virgem.

OceanofPDF.com

Capítulo 3

A Primeira Visão

Em 1425, a França tinha dois reis.

O rei Carlos VI, o pobre rei louco, morrera em 21 de outubro de 1422. Não muito antes, seu arquiinimigo, o rei Henrique V, também havia falecido. Imediatamente, os ingleses correram para coroar o filho pequeno do rei Henrique V: um mero bebê que se tornou o rei Henrique VI. Mas o delfim Charles, que controlava apenas alguns territórios ao redor de Bourges, também reivindicou o trono, apesar do tratado que o declarava ilegítimo. Charles cresceu acreditando que um dia seria rei e ter esse direito arrebatado tão cruelmente por um mero bebê era mais do que ele poderia suportar. Embora ainda não tenha sido coroado oficialmente, ele determinou que era o rei legítimo e começou a apertar o controle das províncias centrais da França que ainda controlava. Uma criança inglesa pode ter sido o rei oficial da França, mas a guerra continuou. Liderado pelo conde de Salisbury, o exército inglês estava determinado a arrancar o último território de Carlos de suas garras desesperadas. Eles derrotaram uma enorme força francesa na Batalha de Verneuil em 1424, uma luta que estranhamente ecoou a Batalha de Agincourt. Cidade após cidade caiu, e Carlos era ridiculamente conhecido como o “Rei de Bourges”, já que era tudo o que ele tinha sob seu controle.

A França estava quase perdida. No entanto, a inocente pequena Joana d'Arc estava prestes a vivenciar o primeiro evento que a transformaria na heroína da França.

* * * *

Foi em 1425 que Joana teve seu primeiro gostinho do que a guerra realmente significava. A essa altura, uma garota de treze anos, ela estava no limiar da idade adulta, mas a maior parte de seu tempo estava ocupada com tarefas domésticas comuns e atos simples de piedade cotidiana que não pareceriam nada além de mundanos. O território ao redor de Domrémy foi

capturado pelo exército inglês, que travou batalhas maiores; A própria Joana tinha visto muito pouco da luta. A renda de seu pai era estável e, pelo que Joana sabia, a aldeia podia muito bem estar em paz.

Mas não durou muito. Henry de Orly, um mercenário implacável, tinha um castelo próximo. Nessas últimas décadas de guerra, nem os ingleses nem os franceses foram realmente capazes de pagar seus soldados; em vez disso, a maioria dos soldados passou a pilhar a zona rural circundante a fim de obter alguma recompensa por seus serviços. Henry era o pior deles. Leal a ninguém exceto a si mesmo, ele tirou proveito de um país dilacerado pela guerra para viver uma existência descuidada como um pirata. Ele se aliou a quem fosse mais vantajoso para ele na época e estava principalmente ocupado em ganhar itens para si mesmo. E um dia, ele decidiu que seu próximo saque viria de Domrémy. Acompanhado por seu bando de mercenários selvagens, ele desceu sobre a pequena aldeia, semeando o terror nas ruas. Os aldeões em pânico mal sabiam para onde fugir; eles esperavam que ele incendiasse as casas, mas permanecer do lado de fora significava que seriam cortados por uma espada. Havia um castelo próximo onde eles poderiam procurar abrigo, mas Henry veio rápido demais. A pacífica aldeia de Joana foi subitamente tomada por hordas de homens descuidados e sujos aos gritos e cacarejos, os cascos de seus cavalos tinindo na rua, suas espadas e armaduras brilhando ao sol. Pessoas em pânico corriam em todas as direções. Mas Henry não estava atrás da vida dos camponeses. Ele estava atrás de seu gado. Reunindo até o último pedaço de gado da aldeia, ele voltou para seu castelo com todos eles, deixando os camponeses vivos, mas sem meios de sustentar a si próprios e suas famílias.

Os aldeões apelaram ao conde de Vaudemont, que rapidamente derrotou Henrique e devolveu o gado a seus donos de direito. O dano real foi evitado, mas o dano foi feito à psique dos camponeses assustados. Embora Vaudemont tenha servido aos ingleses, os camponeses decidiram que a guerra era diretamente responsável pela tragédia que quase sofreram. Um consenso comum foi alcançado entre eles de que não haveria paz e sossego até que os ingleses fossem expulsos da França de uma vez por todas.

É provável que a profecia tenha sido mencionada várias vezes na aldeia nesta época, e que muitos dos aldeões tivessem depositado suas esperanças em uma heroína cavalgando em um garanhão branco. Quanto a Joana,

talvez ela esperasse a mesma coisa. De qualquer forma, com o gado trazido de volta, ela voltou à sua vida cotidiana de fazer suas tarefas.

Uma dessas tarefas era cuidar do jardim do pai. Era uma faixa de terreno entre a casa de Joana e a igreja onde ela sempre ia à missa e, como uma das crianças mais velhas da casa, esperava-se que Joana cuidasse bem dela. Num dia sufocante de verão, Joana trabalhava arduamente no jardim. O sol estava alto no céu e o suor escorria por sua jovem testa enquanto ela se curvava sobre a rica terra. Um flash de luz perto da igreja chamou sua atenção. Ela fez uma pausa, esfregando os olhos, que ardiam de suor. Foi apenas o reflexo da luz solar que causou a explosão repentina de brilho? No entanto, algo dentro dela a levou a olhar novamente, algo estranhamente excitante que a deixou um pouco assustada. Ela engoliu em seco, olhando para a esquerda, e foi quando o viu. Uma luz ofuscante encheu o jardim, um brilho deslumbrante que ela nunca tinha visto antes. Envolto em feixes de luz, ela viu um anjo - uma figura imponente, brilhando em uma armadura de bronze, com asas abertas subindo de seus ombros. Ele era tão assustador quanto bonito, e Joana teria fugido se sentisse que podia. Em vez disso, enraizada no lugar, ela apenas olhou para ele enquanto suas asas eram abertas, enchendo seu mundo.

Ela não teve que perguntar ao anjo quem ele era. Ele era tão grande, tão brilhante e tão poderoso que só poderia ser Miguel, o arcanjo. Ele estava acima dela com um esplendor deslumbrante, e ela só podia olhar. Logo, mais duas figuras apareceram ao lado dele, ambas belas jovens, e Joana as reconheceu imediatamente. A primeira foi Santa Catarina de Alexandria, uma corajosa princesa que desafiou o imperador romano Maxêncio quando ele começou a perseguir os cristãos; Maxêncio havia tentado de tudo para que ela renunciasse à fé, desde ameaçar com a pena de morte até se oferecer para se casar com ela, mas nada funcionou. Catarina foi decapitada quando ainda era uma adolescente, morrendo como uma virgem desafiadora, uma jovem que se recusou a permitir que sua fé fosse quebrada.

A outra era Santa Margarida de Antioquia. Como Catarina, Margaret era uma mártir adolescente, filha de um padre pagão que prontamente a

deserdou quando ela se tornou cristã. Um governador romano tentou se casar com ela, mas ela também se apegou à sua fé e virgindade. Ela foi torturada e morta ainda jovem.

Embora seja incerto onde Joana poderia ter aprendido sobre essas duas jovens, a aparência delas em sua primeira visão foi algo assustadoramente profético. Ela não sabia o quão semelhante seria um caminho que ela iria percorrer um dia. Ela era apenas uma garota de treze anos olhando para o rosto de santos e anjos em mudo temor. Os santos estavam longe de ser os adolescentes esfarrapados que foram mortos por sua fé; agora, eles usavam esplêndidas coroas de ouro, enfeitadas com joias, e seus rostos eram radiantes de se olhar.

Aterrorizada, Joana caiu de joelhos. Os santos se apressaram em reassegurá-la de que haviam sido enviados a ela por Deus. Eles continuaram dizendo a ela que Deus havia colocado uma alta vocação em sua vida, dado a ela um tremendo dever a cumprir, não agora, mas em breve. Ele queria que ela expulsasse os ingleses da França. E Ele queria que ela levasse o delfim a Reims e o coroasse rei.

Então os santos se foram. Joana percebeu que estava sentada imóvel no jardim, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Ela não chorou de medo, mas com uma espécie de temor e tremor pelos santos que acabara de ver e o peso de suas palavras para ela. Ela não sabia por que eles viriam até ela, para a pequena Joana d'Arc, uma camponesa analfabeta que vivia nos limites da França, mas uma coisa ela sabia: o que Deus lhe disse para fazer, ela faria.

Capítulo 4

A dúvida de Baudricourt

Nos três anos seguintes, os santos continuaram a visitar Joana enquanto ela crescia na casa de seu pai. Quase todos os dias, a luz divina enchia a visão de Joana, e ela ouvia suas vozes dizendo-lhe novamente que ela precisava coroar o delfim, que iria liderar o exército que finalmente daria à França a vitória sobre os ingleses. A cada dia, ela se acostumava mais e mais com os santos e até começava a conversar com eles. Mesmo assim, por três anos Joana permaneceu na casa do pai e não contou a ninguém.

Como ela estava chegando à metade da adolescência, Joana seria considerada em idade de casar. Seu pai, Jacques, provavelmente já estava procurando por um pretendente que pudesse dar a Joana uma existência estável e confortável. Mas o próprio Jacques estava prestes a ter um sonho - que aterrorizaria o coração de qualquer pai.

Uma noite, antes mesmo de Joana começar a pensar em sair de casa, Jacques teve um sonho. Nele, ele viu sua filha gentil e adorável montada em um cavalo e deixando sua aldeia com um grupo de homens de aparência rude - ele sabia que eles deveriam ser soldados. Jacques acordou com a testa suada e o coração batendo forte. Não pode ser. Certamente não sua Joana, sua doce e piedosa garotinha. Naquele momento, a profecia foi a última coisa que passou pela cabeça de Jacques; Joana era apenas uma camponesa, nenhuma salvadora da nação. Em vez disso, Jacques presumiu que o que vira em seu sonho era Joana entrando para o exército como prostituta. O sonho foi perturbador o suficiente para que ele disse aos filhos que, se algum dia se realizasse, eles deveriam afogar Joana, em vez de permitir que ela se vendesse dessa forma.

O sonho de Jacques logo se tornaria realidade, mas não da maneira que ele pensava. Joana estava indo embora. E ela partiria em busca de pureza e poder.

* * * *

Em toda a França, as coisas nunca pareceram mais sombrias para o delfim deserdado. Em agosto de 1428, os ingleses - liderados principalmente pelo conde de Salisbury - desembarcaram em Calais. Juntamente com aliados de Bedford, o exército inglês havia aumentado para uma força de dez mil homens. Suas intenções eram claras: iriam expulsar qualquer um que ousasse se opor ao bebê rei Henrique VI, reivindicar de volta os territórios aos quais Carlos ainda se apegava e fazer da França uma colônia inglesa de uma vez por todas.

Em poucas semanas, várias cidades francesas caíram diante da horda inglesa. Chartres, Janville, Meung, Beaugency, Jargeau - eles não tiveram a menor chance. Um por um, todos caíram aos pés do conde, e ele voltou seus olhos para Orléans.

Ele nunca poderia ter imaginado como o cerco daquela cidade terminaria.

* * * *

Em maio de 1428, enquanto o campo francês florescia nas cores vivas da primavera, as vozes de Joana começaram a falar com ela com intensidade cada vez maior. Há muito tempo eles vinham dizendo que era hora de ir ao encontro do delfim, e Joana, vendo como a ideia era ridícula, hesitou. Mas as vozes insistiram, dizendo que era a vontade de Deus que ela precisava ir e salvar sua nação. Eles insistiram que o Senhor a havia escolhido por um motivo. Se algum duque ou nobre fosse cavalgar e reclamar a França, então seria evidente que a luta fora vencida por um homem, mas se uma mera camponesa como Joana o fizesse, a glória só poderia ser para Deus. Fazia sentido, e Joana finalmente percebeu que não conseguia mais resistir às vozes.

Ela sabia que a guarnição mais próxima que permaneceu leal a Charles estava em Vaucouleurs, uma cidade a cerca de vinte quilômetros de Domrémy. Assim que ela concordou com sua missão, suas vozes disseram que ela deveria ir lá e apelar a Robert de Baudricourt - o capitão da guarnição - para uma audiência com o delfim e uma passagem segura para Chinon, onde ele estava estacionado na época. O primo de Joana, Durand Laxart, ficou apenas alguns quilômetros fora de Vaucouleurs. Dizendo aos

pais que queria ir visitá-lo, Joana conseguiu persuadir Durand a ir buscá-la em Domrémy para uma visita com ele e sua esposa, sua prima Joana Laxart.

Durante a viagem, Durand pôde sentir que havia algo diferente na jovem Joana. Algo havia mudado no azul brilhante de seus olhos; havia uma presença sobre ela, um brilho que ele não conseguia identificar. Ele não perguntou, entretanto, concentrando-se na estrada enquanto seu cavalo os levava rapidamente para casa. Por fim - é incerto se isso aconteceu durante a viagem ou na casa de Durand - Joana se abriu, falando sobre suas visões pela primeira vez. Reunindo coragem, ela disse a Durand que precisava ir "para a França" (referindo-se à França central, a área ainda governada pelo delfim).

"Por quê?" sua prima perguntou, sabendo que o centro da França era uma zona de guerra.

"Eu preciso coroar o delfim em Reims," Joana respondeu calmamente.

Durand olhou para ela, perguntando-se se ela sabia o quão ridículas suas palavras eram. Mas aqueles olhos azuis permaneceram serenos como poças de água profunda enquanto ela o estudava, sua voz firme e segura. "Não foi dito", acrescentou ela, "que a França seria arruinada por uma mulher e mais tarde restaurada por uma virgem?"

Durand não sabia o que dizer. Ele sabia tão bem como qualquer francês que Isabeau havia cedido seu próprio país, e ele ouvira a profecia inúmeras vezes. No entanto, ele nunca imaginou que essa virgem salvadora pudesse vir de um lugar como Domrémy, que poderia ser uma camponesa, que poderia ser essa pequena camponesa, sua própria prima Joana d'Arc.

Ela continuou, dizendo a ele que precisava chegar a Vaucouleurs e a Robert de Baudricourt. E talvez fosse o fogo em seus olhos ou talvez fosse o desespero no próprio coração de Durand, mas ele decidiu que acreditava nela. Ele jurou que iria levá-la a Vaucouleurs e conseguir aquela audiência com o capitão, não importa o quão louco isso o fizesse parecer.

* * * *

Robert de Baudricourt era o capitão da pequena guarnição de Vaucouleurs. Sendo uma cidade pequena, Vaucouleurs era tão familiar para o capitão de

28 anos que ele conhecia quase todos os rostos. Ele certamente reconheceu Durand Laxart, mas quanto à garota que o seguia, ela era uma estranha para ele. Havia algo etéreo nela quando ela se aproximou. Ela usava um vestido vermelho rasgado e esfarrapado, uma coisa desbotada que era remendada com frequência; seu corpo era esguio, seus traços contraídos, mas aqueles olhos. Eles eram de um tom quase indefinível de azul, e a luz dentro deles fez Robert ficar olhando por alguns momentos enquanto Durand passava. Quando os olhos da garota pousaram nele, ela parou, seu rosto se iluminando em reconhecimento, embora Robert soubesse que nunca a tinha visto antes. Ela agarrou o braço de Durand e apontou, e eles caminharam até Robert.

Durand apresentou Joana como sua prima, que estava ficando com ele por um tempo. Confuso, Robert perguntou o que ela queria, esperando que ela tivesse algum pedido tolo que ele pudesse facilmente deixar de lado. Em vez disso, a garota falou com uma clareza e uma força que ele não esperava.

“Eu vim até você da parte de meu Senhor”, ela disse a ele, “para que você possa mandar uma mensagem ao delfim, para se manter firme e não cessar a guerra contra seus inimigos”.

Robert piscou. Ele era apenas um nobre menor, que provavelmente nunca havia trocado uma única palavra com o delfim, muito menos lhe dito o que fazer. Antes que ele pudesse perguntar quem essa Joana pensava que era - ou quem ela pensava que ele era para ter esse tipo de autoridade - ela continuou. “Antes do meio da Quaresma, o Senhor o ajudará”, disse ela. “Na verdade, o reino não pertence ao delfim, mas ao meu Senhor.”

Irritado, Robert olhou para ela. Ele foi um dos últimos leais ao delfim que restaram em uma das últimas cidades da área que ainda ousaria expressar sua aliança a ele em vez de se submeter aos anglo-borgonheses. Ele estava prestes a repreendê-la por presumir que qualquer outro que não fosse o delfim Charles pudesse ser feito rei quando ela interrompeu. “Mas meu Senhor deseja que o delfim seja feito rei e tenha o reino sob [seu] comando. Apesar de seus inimigos, o delfim será feito rei. ” Ela ergueu o queixo, os olhos cheios de algo que não era nada como orgulho, mas tão seguro quanto aço. “E sou eu que o conduzirei à coroação.”

Foi tudo o que Robert pôde fazer para não cair na gargalhada. Essa camponesa esfarrapada parecia realmente acreditar que iria coroar o delfim, apesar do fato de que ela nunca poderia ver seu rosto com seu status de nascimento inferior. "E quem é esse seu Senhor?" Ele demandou.

"Deus", respondeu Joana simplesmente.

Robert balançou a cabeça com uma risada zombeteira. Virando-se para Durand, ele disse: "Leve essa garota de volta para o pai dela e dê um tapa nas orelhas dela." Então ele os dispensou com um movimento de sua mão.

* * * *

Joana ficou imediatamente consternada com a reação de Robert ao pedido dela. Subjugada, ela pediu a Durand para levá-la de volta para casa para seu pai. Com o coração partido pela infelicidade de sua prima, impressionado por sua habilidade de reconhecer Robert de alguma forma, embora ela nunca o tivesse visto antes, e chateado com a reação de Robert, Durand obedientemente a levou de volta para casa em Domrémy.

Essa pode ter sido a última vez que alguém ouviu falar de Joana d'Arc. Mas as coisas estavam prestes a piorar na guerra e na vida cotidiana em Domrémy - uma virada que inspiraria Joana a voltar para Vaucouleurs. E desta vez, ela teria ajuda.

Capítulo 5

Uma previsão de derrota

Depois de conquistar Meung em 8 de setembro de 1428, o conde de Salisbury sabia que estava pronto para aproveitar sua vantagem. Havia um último grande obstáculo entre ele e o centro da França, controlado pelo delfim. Esse obstáculo era o rio Loire, e era guardado pela cidade de Orléans. Também na época capital do ducado de Orléans, era de importância política e estratégica. Derrubá-lo seria quebrar a última parede que ficava entre os ingleses e o coração da França, e se Orléans caísse, a reivindicação do trono do delfim estaria praticamente perdida.

A própria cidade foi construída na costa norte do Loire, e a única maneira de acessá-la era por meio de uma ponte guardada por um portão chamado Les Tourelles. Foi em Tourelles que o conde de Salisbury lançou seu primeiro ataque em 12 de outubro de 1428. O cerco de Orléans havia começado. E se essa cidade caísse, a França estaria condenada.

* * * *

Pouco antes do início do cerco, Joana começou a sentir os efeitos da guerra mais uma vez.

Algumas semanas depois de seu retorno a Domrémy, os ingleses e borgonheses decidiram que Vaucouleurs, em seu desafio insignificante, era um espinho no lado que eles não tolerariam mais. Pode ter sido uma cidade pequena, mas era leal ao Delfim, e era hora de vencer seus habitantes - e os dos aldeões ao redor - até a submissão. O primeiro aviso que Joana recebeu foi o toque ensurdecedor do sino da igreja ao lado de sua casa. Seu som, normalmente tão melodioso, era agora um clangor cacofônico enquanto o tocador de sinos puxava desesperadamente a corda, emitindo um aviso alto pelas ruas de Domrémy. A família d'Arc não teve escolha a não ser fugir. Levando Joana com eles, eles tiveram que dirigir seu gado através de

território aberto até o Neufchâteau fortificado, onde foram forçados a buscar abrigo em uma pousada.

Quando o exército se foi, Joana e sua família voltaram para uma Domrémy em ruínas. Campos e casas foram danificados por incêndios e destruição gratuita. Os ingleses não se importavam com o quão amantes da paz os camponeses de Domrémy eram; pertenciam aos franceses e, portanto, eram inimigos, por mais indiferentes que estivessem na guerra. Pior de tudo, eles queimaram a igreja. A visão partiu o coração de Joana. Seus santos nunca pararam de insistir para que ela voltasse para Vaucouleurs e encontrasse o caminho para o Delfim, e assim que a luta nas proximidades terminou, foi exatamente o que ela fez.

* * * *

Havia algo de definitivo na segunda partida de Joana da aldeia onde ela havia crescido. Seu coração ficou partido por deixar seus pais e ainda mais dilacerado pela mentira que ela lhes contou - que ela estava partindo para ser enfermeira e ajudante de Joana Laxart, que estava grávida. Na verdade, parte da alma de Joana sabia que ela nunca mais veria a idílica Domrémy. Ela o viu desaparecer à distância, sua igrejinha pitoresca, seus campos cobertos de neve, seu belo bosque, o jardim onde ela ouviu as vozes pela primeira vez e soube no fundo de seu coração que nunca voltaria.

Era janeiro de 1429. O Cerco de Orléans já durava três meses e ainda não havia fim à vista. Os reforços franceses conseguiram passar pelas linhas inglesas aqui e ali, permitindo que a cidade resistisse por muito mais tempo do que o esperado. A morte do conde de Salisbury foi um revés para a Inglaterra, mas ele foi substituído pelo conde de Suffolk, e o cerco continuou implacável. Durante meses, pequenas escaramuças surgiram por toda a cidade, mas geralmente era uma espécie de impasse, com os franceses teimosamente segurando dentro das muralhas e os ingleses firmemente cavados fora delas. Toda a França central pendia num limbo nervoso, com o poder dos ingleses acampado a apenas cerca de setenta e cinco milhas da capital administrativa de Bourges.

Joana não sabia muito sobre os detalhes. Os rumores entre os camponeses provavelmente teriam dito a ela que um cerco havia sido feito a Orléans,

mas, fora isso, ninguém teria dado a um pequeno camponês ignorante muitas informações. Ela sabia que as vozes a encorajavam cada vez mais intensamente a voltar para Vaucouleurs, e isso era o suficiente para ela.

Chegando a Vaucouleurs, Joana se hospedou com a família Leroyer, onde trabalhou como empregada de Henri e Catherine Leroyer. Foi aqui que ela realmente chamou a atenção de Jean de Metz. Um dos escudeiros de Robert, Jean estivera presente durante seu primeiro encontro com Robert, e algo sobre a presença brilhante da garota o inspirou. Quando ele a viu indo em direção à guarnição mais uma vez, ele sabia que tinha que falar com ela.

Aproximando-se dela, ele esperava que ela o reconhecesse de seu primeiro encontro com Baudricourt. "O que você está fazendo aqui, meu amigo?" ele perguntou. De repente nervosa diante de seus inocentes olhos azuis, Jean se atrapalhou, tentando bater um papo. A guerra foi a primeira coisa que veio à mente; já vinha acontecendo há tantas décadas que falar sobre a guerra era como falar sobre o tempo. "O Rei deve ser expulso do reino?" ele disse coloquialmente. "E devemos ser ingleses?"

Joana o estudou por alguns segundos. Seus olhos estavam completamente serenos enquanto ela falava. "Vim aqui a esta cidade real para falar com Robert de Baudricourt", disse ela.

Jean não se surpreendeu. Ele sabia, apesar da derrota em seus olhos da última vez que se encontrou com seu mestre, que Joana não desistiria tão facilmente. Ela continuou explicando que precisava de Robert para levá-la ao rei, mas ele não havia levado suas palavras a sério. "No entanto, antes do meio da Quaresma, devo estar com o Rei", disse ela. "Não há socorro a ser esperado, exceto de mim."

A confiança silenciosa em suas palavras pegou Jean de surpresa. Ele a estudou, perguntando-se como aquela camponesa cansada do trabalho poderia possivelmente ter chegado a essa conclusão. Ela acrescentou que preferia ter ficado em casa, fiando lã com sua mãe, mas que ela tinha que ir ao Rei "porque meu Senhor quer que eu faça isso."

A maneira como ela disse o nome do Senhor soou com autoridade. Olhando para sua postura, para a completa falta de arrogância na maneira como ela se comportava e para a convicção absoluta em seu tom, Jean sabia que ela estava falando a verdade. De alguma forma, Deus escolheu esta garota, este

pedaço de nada em face de uma sociedade arrogante, para salvar a nação da França dos saqueadores ingleses. Ele estendeu a mão, pegando a pequena mão dela. Foi difícil e difícil devido ao trabalho manual. “Com a orientação de Deus, prometo que os conduzirei ao Rei”, disse ele.

* * * *

Entre Jean e outro cavaleiro e também apoiador de Joana, Bertrand de Poulengy, eles conseguiram assegurar outra audiência com Robert para ela. Por mais duvidoso que Robert fosse, ele não conseguia esquecer a luz nos olhos da jovem com suas afirmações malucas que o visitara na primavera passada. Agora ela estava de volta, aqui no frio de 12 de fevereiro de 1429, e Robert estava ficando desesperado. Vaucouleurs havia sofrido durante a guerra, Orléans foi sitiada e a França estava quase perdida. Não faria mal ouvir este pequeno lunático.

Ao se encontrar com Robert, Joana disse a ele, novamente, o que ela queria dele: ser levada em segurança através do território inimigo para se encontrar com o delfim. Em seguida, ela acrescentou que as forças do delfim estavam prestes a sofrer uma derrota terrível.

Enquanto Joana falava com Robert, a centenas de quilômetros de distância, em uma grande planície perto de Rouvray, ouviu-se o estalo de pólvora e o gemido de balas de canhão voando pelo ar. 1.600 ingleses mergulharam para se proteger enquanto balas de canhão atingiam sua carruagem. Ele tinha sido colocado em uma formação defensiva improvisada, com pontas afiadas cravadas na terra ao redor do trem de vagões em uma tentativa de conter os franceses, mas os ingleses estavam bem cientes de que havia o dobro de homens no exército franco-escocês de ataque como neste trem de bagagem. As carroças se estilhaçaram, os suprimentos se espalharam pelo chão: barris de arenque, pilhas de artilharia. A esperança saltou no coração do exército francês. Se eles conseguissem impedir o trem de bagagens de chegar a Orléans, o cerco poderia simplesmente acabar.

"O que?" Robert olhou para a garota. "O que você quer dizer?"

“As armas do delfim sofreram hoje um grande revés perto de Orléans”, repetiu Joana.

Era uma loucura, pensou Robert. No entanto, a convicção calma em seus olhos o congelou até o âmago.

Houve um grito de consternação dos franceses. A parte escocesa de seu exército estava atacando, superexcitada pelos danos que os canhões infligiram aos ingleses. Os franceses tiveram de cessar o fogo e os ingleses se levantaram, atirando com bestas e arcos longos atrás de seus carroções. As fileiras escocesas desmoronaram, homens morrendo em todas as direções. Os franceses foram forçados a liderar um ataque de cavalaria que sabiam que seria ineficaz contra os arqueiros ingleses. Eles estavam certos. Em minutos, os ingleses lideraram um contra-ataque, e franceses e escoceses foram vergonhosamente derrotados.

“Saia,” Robert ordenou a Joana. “Ir.”

* * * *

Poucos dias depois, a notícia chegou a Vaucouleurs. O exército franco-escocês tentou impedir um trem de bagagem de chegar a Orléans e falhou terrivelmente, perdendo cerca de seiscentos homens, enquanto os ingleses perderam apenas quatro. Foi uma derrota humilhante, desde então conhecida como Batalha dos Arenques.

Quando Robert ouviu a notícia, e soube que a luta ocorrera no mesmo dia de seu encontro com Joana, soube que sua previsão era verdadeira. E se isso fosse verdade, talvez também fosse verdade que ela era a salvadora da França.

Ele a chamou para sua guarnição e disse-lhe que a mandaria para Chinon com Jean e Bertrand. Suas palavras foram as de um homem desesperado, ainda duvidando, mas incapaz de encontrar qualquer outro fiapo de esperança em que se agarrar. “Vá,” ele disse a ela. “E venha o que vier.”

Capítulo 6

Uma audiência com o rei

A estrada para Chinon estava repleta de perigos. A corte de Charles ficava a cerca de trezentas milhas de Vaucouleurs, uma distância que levaria pelo menos uma semana de cavalgada árdua, mas essa era a menor das preocupações de Jean e Bertrand enquanto consideravam a melhor forma de escoltar seu jovem e inocente pupilo ao tribunal de o Dauphin. A verdade é que Vaucouleurs e as aldeias vizinhas eram alguns dos territórios mais isolados que permaneceram sob controle francês. Para chegar a Chinon, eles teriam que cruzar uma vasta extensão de território inimigo, invadindo efetivamente as terras do jovem rei inglês. De alguma forma, eles tinham que chegar a Chinon sem atrair a atenção do inimigo, o que teria sido difícil o suficiente para um grupo de homens, muito menos para alguns cavaleiros guardando uma jovem vulnerável que não tinha experiência de guerra e - parecia - pouca compreensão do perigo .

Junto com o povo de Vaucouleurs, que notou as repetidas visitas de Joana a Robert e ficou sabendo por meio de rumores de sua busca, Jean e Bertrand decidiram que a maneira mais segura de levar Joana a Chinon seria disfarçá-la de homem. Joana concordou de bom grado com a ideia, apesar do fato de o travesti ser amplamente considerado um crime hediondo naquela época; no entanto, Joana e todos com quem ela falou pensaram nisso como uma precaução normal e necessária contra ataques daqueles que podem querer carregá-la e fazer o que querem com ela. Felizmente para Joana, ela se tornou uma espécie de sensação em Vaucouleurs. Há muito conhecida como uma garota virtuosa e gentil - embora um pouco estranha - ela de repente se tornou a esperança dos desesperados. O simples fato de Robert estar disposto a mandá-la para Chinon deu-lhe credibilidade aos olhos do povo. Eles acreditavam que ela iria salvá-los e ao resto de sua nação dos ingleses, e eles fariam qualquer coisa por ela. Confeccionar roupas adequadas para a viagem era o mínimo que podiam fazer.

Enquanto isso estava sendo feito, Jean saiu e comprou um cavalo. O povo de Vaucouleurs presenteou Joana com uma espada, bem como as roupas, e ela estava bem disfarçada de cavaleiro quando partiu com seu pequeno séquito: Jean, Bertrand e dois outros homens de armas. Bertrand pagou pela viagem. Eles deixaram Vaucouleurs em 23 de fevereiro de 1429, iniciando sua perigosa jornada por uma área que era controlada pelos borgonheses na época.

Durante dez dias, Joana e seus companheiros cavalgaram à noite e dormiram durante o dia, usando pequenas vielas e estradas esquecidas para evitar serem detectados pelos inimigos. Deve ter sido uma experiência nova e estranha para a inocente jovem Joana, cavalgar um cavalo forte e animado entre um grupo de soldados rudes. É improvável que ela já tenha cavalgado muito, considerando o status humilde de sua família; ela também nunca teria usado nada como o hosen (calças justas) que ela se viu usando agora. Tudo teria sido novo e desconfortável para ela, e ela estava viajando mais em um dia do que em toda a sua vida. No entanto, seus dois tutores mais tarde testemunhariam que ela permaneceu doce e gentil. Nem uma única maldição passou por seus lábios, nem ela se comportou com outra coisa senão calma confiança. Até os guerreiros experientes temiam por suas vidas enquanto atravessavam a paisagem perigosa, mas Joana não demonstrou medo. Ela disse a eles que era a vontade de Deus que eles chegassem a Chinon, e eles o fariam.

Joana também devia muito de sua segurança aos dois cavaleiros que acreditavam nela com tanto fervor. Eles nunca saíram do lado dela. À noite, ela dormia em segurança entre os dois, que preferiam cortar suas próprias cabeças a encostar um dedo na jovem donzela deitada tão perto.

A única coisa que realmente incomodou Joana durante a viagem foi que ela queria ir à missa. Como as igrejas estavam ocupadas por ingleses e havia o risco de que os cavaleiros franceses fossem identificados, isso era impossível.

Finalmente, em 6 de março de 1429, eles chegaram finalmente a Chinon, totalmente ilesos. A jornada perigosa acabou. Mas agora, Joana tinha que fazer mais do que convencer um humilde capitão da guarda a conceder sua

passagem para Chinon. Ela precisava conseguir uma audiência com o próprio Dauphin.

* * * *

O Dauphin Charles era um homem desesperado. Apesar de ter apenas vinte e seis anos de idade, ele teve tudo tirado dele. Tendo crescido em uma casa com um pai mentalmente doente cujos ataques eram, por sua vez, humilhantes e perigosos, a grande esperança de Carlos era saber que um dia seria rei - um rei muito melhor do que seu louco predecessor.

Então veio o terrível golpe desferido por sua própria mãe, Isabeau. Apoiando os rumores de que Charles era um produto ilegítimo de um caso entre Isabeau e seu tio Louis, ela entregou o direito de primogenitura de seu próprio filho a seu maior inimigo. A amargura disso foi terrível, e Carlos estava ciente de que, apesar do fato de se considerar o legítimo rei da França, ele tinha poucas esperanças de algum dia reivindicar seu trono. Os ingleses estavam no seu limiar. Não demoraria muito para que seu exército caísse e seu país pertencesse a algum bebê inglês.

Na verdade, Charles quase perdeu as esperanças. Ele vagava por Chinon agora, observando o progresso da guerra com uma sensação entorpecida de derrota inevitável. Ele estava condenado. Ele sempre foi.

Ele estava nesse estado quando um de seus cortesãos veio informá-lo de que uma jovem estranha acabara de chegar a Chinon; uma mera camponesa, vestida como um jovem, empunhando uma espada e montada em um cavalo. O nome dela, disse-lhe o cortesão, era Joana d'Arc. Ela disse que iria salvar a nação da França. Ela disse que Deus a havia enviado.

No início, Charles teve vontade de rir. Mas de alguma forma, a ideia despertou nele um lampejo de interesse. Ele não tinha mais nada a perder - tudo havia sido arrancado dele. Ouvir essa garota foi uma medida desesperada, mas ele era um homem desesperado. Ela teria que provar, entretanto, que realmente teve ajuda divina. Ele decidiu que iria se vestir como um cortesão comum e, em seguida, levaria Joana a uma sala cheia de homens vestidos de maneira semelhante. Se ela pudesse identificá-lo, ele lhe concederia uma audiência pessoal. Esta foi uma era antes das fotografias; na França do tempo da guerra, uma camponesa de centenas de quilômetros de distância não teria ideia de como era o delfim.

Tudo foi feito como Charles ordenou. Os cortesãos estavam todos reunidos, ligeiramente nervosos ao ver seu dauphin vestido como eles, e outro cortesão foi instruído a fingir ser o rei assim que Joana fizesse sua escolha. Um pouco entediado e apático, Charles esperou o aparecimento dessa garota que disse que os santos estavam conversando com ela.

As portas se abriram e Joana entrou. Charles foi atingido por ela imediatamente. Seu cabelo tinha sido cortado rudemente, mas não havia como esconder sua figura esguia, seus olhos brilhantes. Havia algo nela que chamava sua atenção, e todos os olhos estavam voltados para a garota quando ela entrou na sala, seus olhos vagando pelas filas dos cortesãos. Ela parecia focada internamente de alguma forma, como se estivesse ouvindo algo que só ela podia ouvir. Um leve sorriso apareceu em seus lábios enquanto ela olhava de rosto em rosto. Quando seus olhos pousaram em Charles, o incrível aconteceu. Seus olhos se arregalaram em reconhecimento, e ela correu até ele, seus olhos fixos nos dele por um momento de tirar o fôlego. Então ela caiu de joelhos, jogando os braços em volta das pernas dele. Seu aperto continha a força de uma garota que passou a vida trabalhando. “Deus te dê uma vida feliz, doce Rei!” ela gritou.

Charles ficou pasmo, mas conseguiu se controlar. Afastando-se dela, ele a repreendeu, dizendo que ele não era um rei. Por mais abalado que estivesse, o cortesão designado para desempenhar o papel do delfim adiantou-se, dizendo que era o rei da França. Mas Joana não se deixaria enganar. Ela continuou a ficar perto de Charles, repetindo sem parar que ele era o rei, que suas vozes lhe diziam isso.

Espantado, Charles fez de bom grado o que havia concordado em fazer: concedeu-lhe uma audiência particular. Talvez, apenas talvez, o Deus que ele sentia que o havia abandonado por toda a sua vida finalmente tivesse decidido ter misericórdia - e se Ele escolheu fazê-lo através desta pequena camponesa aleatória, Charles, embora fosse da realeza, não estava em posição de argumentar.

Capítulo 7

A estrada para Orléans

Os detalhes da audiência privada de Charles com Joana nunca foram realmente conhecidos por ninguém, exceto pelos próprios Charles e Joana. Algumas fontes dizem que Joana lhe contou sobre uma oração privada, algo intensamente pessoal e um segredo que ele nunca havia compartilhado com ninguém. De acordo com alguns, essa oração envolvia a reivindicação de Carlos ao trono, mas, nela, o Delfim derrotado não pediu ao Senhor para levá-lo ao trono. Em vez disso, em uma insegurança paralisante, Charles implorou a Deus que punisse a si mesmo sozinho em vez de todas as pessoas se ele realmente fosse um herdeiro ilegítimo. A questão o atormentava há anos. Ele não tinha ideia se era realmente o produto de uma união legal entre o rei e a rainha; talvez ele fosse ilegítimo, afinal, o resultado de uma rainha traidora e um irmão traiçoeiro. No entanto, ele não podia dizer ao seu povo que mesmo ele duvidava de sua própria legitimidade. Ele só poderia dizer isso a Deus, e o fez em uma oração sincera, despejando seu medo e agonia em particular.

Exceto que Joana sabia. Ela lhe contou tudo sobre isso e garantiu-lhe que ele era o rei legítimo, que afinal era o sangue de Carlos, o Louco, em suas veias e que era a vontade de Deus que ele subisse ao trono.

No entanto, tudo isso é especulação. A própria Joana manteve os lábios fechados pelo resto da vida sobre esse encontro, recusando-se a revelar quaisquer detalhes confidenciais. No entanto, uma coisa é absolutamente certa: Joana causou uma impressão no delfim que deixou poucas dúvidas em sua mente de que Deus realmente a havia enviado e que ela realmente tinha o potencial de salvar a França de seu opressor inimigo.

Os conselheiros do delfim não se convenceram tão facilmente, apesar do fato de que, depois de seu encontro com Joana, Charles mudou. O que quer que ela tenha dito a ele, isso o deixou radiante, brilhando com uma nova coragem e convicção que eles sabiam que prometiam ser benéficas para as

pessoas que estavam desesperadas por um líder corajoso e motivado. No entanto, eles sabiam que era preciso ter cautela. Se Joana fosse uma bruxa ou herege, toda a questão da legitimidade de Charles seria levantada mais uma vez, mesmo se ele conseguisse recuperar o trono.

Seguindo o conselho deles, Charles decidiu que Joana seria enviada a Poitiers - o último estabelecimento teológico ainda sob o controle do delfim - para ser cuidadosamente examinada. Ela chegou lá em 11 de março de 1429, poucos dias depois de sua audiência com o delfim, e ficou com o advogado de Carlos no Parlamento. Alguns dos principais teólogos que deixaram a França estavam lá para realizar o exame, incluindo doutores em teologia, abades, bispos e vários conselheiros que foram educados em direito. Se houvesse uma mancha no caráter de Joana ou um motivo para duvidar de sua fé, essas pessoas descobririam.

E assim, uma camponesa simples e analfabeta de Domrémy foi alvo de severas investigações por parte de alguns dos homens mais educados do país. Por mais que a França estivesse desesperada por um herói - ou heroína, ao que parecia - esses homens estavam determinados a provar cabalmente se ela estava dizendo a verdade. Eles sabiam que ela não tinha educação, que era, ao que tudo indicava, um mero ninguém, e sabiam que as implicações de mandá-la para a frente e depois vê-la fracassar seriam enormes. Ela poderia ser a última esperança que os franceses tinham, e se essa esperança se revelasse falsa, o moral despencaria e a guerra já estaria perdida. Os teólogos decidiram não mostrar misericórdia e não fazer prisioneiros, por mais simples que ela pudesse parecer.

Ficou rapidamente evidente que, por mais doce que Joana fosse, ela não era boba, nem mesmo remotamente intimidada pelos homens importantes que a questionavam. Ela acreditava firmemente que o Deus do Céu estava do seu lado e, comparados a Ele, os teólogos não eram nada. Eles rapidamente começaram a questioná-la sobre as vozes que ela ouvia, tentando estabelecer se eram santos ou simplesmente invenções de uma mente insana. Uma das primeiras perguntas feitas pelo irmão Seguin de Seguin, professor de teologia, foi sobre o dialeto que os santos lhe falavam. "Melhor do que você", respondeu Joana com uma calma feroz.

Pego de surpresa, mas de alguma forma encantado com sua coragem, Seguin a olhou diretamente nos olhos e fez a pergunta mais simples de todas. "Você acredita em Deus?"

Aqueles olhos azuis brilhantes pareciam estar olhando diretamente para sua alma. "Na verdade", ela respondeu, "mais do que você!"

Seguin ficou surpreso com sua resposta, mas impressionado com a maneira como ela a disse. Não havia orgulho nela, apenas uma forte garantia de que ele não conseguia encontrar o caminho de volta. Ele disse a ela que por mais que ela acreditasse em Deus, ela não poderia provar que Ele realmente a havia enviado, a menos que ela desse ao tribunal algum tipo de sinal - um milagre de cima para provar que o que ela disse a eles era verdade. Durante o interrogatório, Joana havia afirmado que iria quebrar o cerco em Orléans e coroar Carlos em Reims. Quando Seguin pediu um sinal, Joana cruzou os braços em desafio. "Não vim a Poitiers para dar sinais", retrucou ela. "Envia-me a Orléans, onde te mostrarei os sinais pelos quais fui enviado."

Nas três semanas seguintes, Joana não foi apenas questionada na capela de Poitiers, mas também seguida e observada em segredo, pois foi determinado que sua vida privada também deveria ser impecável para que ela fosse considerada digna da esperança que as pessoas estavam tão ansiosas para colocar sobre seus ombros. No entanto, tanto no interrogatório quanto na vigilância de suas atividades diárias, os teólogos não puderam encontrar nela nenhuma falha. Em abril de 1429, eles enviaram uma mensagem ao Dauphin. O fato de Joana ser uma cristã fervorosa, íntegra em todos os aspectos morais e tão devotada em sua fé quanto corajosa, era indiscutível; mas se ela realmente conseguiria suspender o cerco como havia prometido ou não, eles não podiam dizer, embora considerassem provável. A sugestão deles era mandá-la para Orléans e, se ela morresse, morreria. Se ela ganhou a batalha, então tanto melhor. O Delfim deveria mandá-la para lá como teste, conforme ela havia solicitado.

* * * *

Durante o exame de Joana em Poitiers, uma expedição de socorro estava sendo planejada para ir a Orléans em uma tentativa de libertar a cidade sitiada dos ingleses. Depois que seu exame terminou, Joana viu a expedição

como uma oportunidade ideal para viajar para Orléans. Considerando que ela passou no teste com louvor, Charles não teve outra escolha a não ser permitir que ela fosse - embora seja provável que ele não estivesse relutante em mandá-la lá, acreditando, como muitos franceses acreditavam, que Joana era a heroína que esperavam. A Donzela que todas as profecias haviam predito.

Não demorou muito para que sua recém-adquirida credibilidade chegasse aos ouvidos dos ricos e nobres também. Eles se uniram para doar tudo o que Joana precisava, despejando seu dinheiro nessa nova esperança. Uma armadura foi criada especificamente para ela, a fim de se ajustar às suas curvas femininas; ela recebeu uma espada e um garanhão branco brilhante e, finalmente, um estandarte. Esse banner era uma coisa simples - uma representação de Jesus, segurando o mundo em Suas mãos, flanqueado por dois anjos em um fundo branco - mas logo se tornaria a arma mais poderosa na Guerra dos Cem Anos. Enquanto não derramasse sangue, todo o exército da França se uniria a ele.

Capítulo 8

Chegada a Orléans

Os soldados franceses sabiam que estavam à beira da derrota. Eles ficaram presos em Orléans por quase seis meses, observando as fortificações inglesas crescerem, cientes de que a cada dia que passava seus inimigos estavam minando sob as defesas francesas, empurrando suas fortificações lentamente para mais perto das muralhas da cidade. Pior ainda, por cinco longos meses, apenas um punhado de comboios de suprimentos conseguiram chegar à cidade. Os ingleses podem não ter sido capazes de cercar completamente Orléans, mas eles tinham forças suficientes para que qualquer comboio que se aproximasse teria que fazer uma longa rota indireta através do território inimigo, resultando em muitos comboios sendo descobertos e capturados. Os ingleses sabiam que não tinham homens suficientes para vencer a batalha por ataque direto. Então, eles decidiram matá-lo de fome em vez disso.

Estava funcionando. Cinco meses de fome estavam afetando a moral dos soldados. O fato de que os comboios ingleses estavam conseguindo passar - mesmo quando enfrentados por um exército significativamente maior, como demonstrado na Batalha de Herrings - não ajudou. Soldados e cidadãos da cidade tiveram que assistir enquanto os ingleses festejavam alegremente em suas trincheiras, enquanto dentro de Orléans as pessoas iam para a cama com o estômago vazio.

Rumores circulavam pela cidade de que Orléans estava à beira da rendição, fazendo com que o moral despencasse ainda mais. Na verdade, Orléans já havia feito uma oferta de rendição ao duque Filipe III da Borgonha, e era uma oferta que ele achou muito atraente. O controle da cidade não apenas permitiria que seus aliados ingleses continuassem sua campanha no centro da França, mas metade de seus impostos iria para a Borgonha também, e a Borgonha teria permissão para nomear seus governadores. No início de

abril, Philip correu para Paris, pedindo ao regente inglês - o duque de Bedford - que suspendesse o cerco para que Philip pudesse aceitar os termos da rendição.

O duque de Bedford recusou totalmente. Ele ficou encantado com a notícia dessa proposta, sabendo que significava que Orléans estava de joelhos. Tudo o que faltava agora era dar o golpe de misericórdia. Certamente, em apenas algumas semanas, Orléans cairia. De acordo com a lei e a tradição medievais, os cidadãos de uma cidade que resistiu a um cerco (e nenhuma cidade resistiu mais fortemente do que Orléans) poderiam ser mortos por um exército invasor assim que entrassem. Seria um banho de sangue, e os cidadãos de Orléans que restassem seriam escravos dos ingleses. O controle de Bedford sobre Orléans seria absoluto, e ele estava confiante de que era apenas uma questão de tempo até que a cidade caísse de uma vez por todas.

A situação era tão terrível para a França que os conselheiros do delfim Charles estavam dizendo a ele que o trono francês era uma causa perdida. Abdicar e fugir para a Escócia era a única opção que lhe permitiria levar uma vida pacífica e relativamente livre; morte ou captura aguardada se ele continuar a perseguir a coroa que era seu direito de nascença. Mas Charles se recusou a ouvir. Uma nova esperança foi despertada nele. E essa esperança estava a caminho de Orléans, vestido com uma armadura especial, montado em um garanhão branco e segurando uma bandeira branca.

* * * *

Os sussurros dessa garota misteriosa já voavam por Orléans havia quase dois meses. Ela era virgem, todos diziam, uma jovem das fronteiras da Lorena que tinha ido ver o delfim e o impressionou tanto que naquele exato momento ela estava a caminho de Orléans com um alívio muito necessário expedição. E a profecia não dizia que tal garota seria aquela que salvaria a nação da França? Era a única esperança que os soldados franceses haviam deixado, e eles se agarraram a ela com firmeza.

Quando chegaram a notícia de que a expedição de socorro estava quase chegando a Orléans e que um de seus principais comandantes, Jean de Dunois, havia saído para recebê-la, a emoção encheu o coração dos soldados que esperavam. Homens de armas e civis começaram a se reunir

nas ruas, um murmúrio de excitação percorria a multidão. Pode ser verdade? Ela estava realmente aqui? Será que Deus realmente a enviou, como ela disse ao delfim? Eles disseram que a haviam testado em Poitiers e ela havia passado no teste. Eles estavam prestes a ser salvos?

Mais sussurros encheram as ruas. Os barcos cruzaram o Loire para receber a expedição de socorro algumas milhas a leste de Orléans. Quando essa donzela misteriosa entrou no barco, o vento mudou magicamente, e eles estavam navegando rapidamente e sob a cobertura da escuridão de volta para a cidade. Foi um milagre, diziam eles, embora muitos duvidassem que a história fosse verdadeira. No entanto, até eles tinham que esperar que ela tivesse a ajuda de cima.

Então eles a viram. Eles viram a bandeira primeiro, acenando acima das cabeças da multidão, uma bandeira branca e brilhante que balançava com a brisa. Então ela emergiu, cavalgando pelas ruas em um corcel branco que esbravejava, bufava e puxava o freio, mas esta menina pequena e magra parecia controlá-lo com facilidade. Ela usava uma armadura de chapa e um sorriso de olhos arregalados, e quando eles olharam em seus olhos azuis brilhantes, eles não viram nada além de uma confiança inabalável. Era algo em que se acreditar, e isso deixou toda a cidade de Orléans feliz. Eles estavam torcendo, dançando nas ruas, orando em voz alta, louvando a Deus, cantando o nome dela: Joana d'Arc. Joana d'Arc.

* * * *

Joana não ficara ociosa durante sua viagem a Orléans. Ao encontrar seu pequeno exército em Blois, ela ditou uma carta aos ingleses, dando-lhes a chance de fugir da França antes que ela e seu exército atacassem. Suas declarações foram tão contundentes quanto simples, afirmando que Deus queria que o delfim Carlos estivesse no trono da França e que os ingleses iriam embora— “Ou eu farei você ir”, ela concluiu. Ela assinou sua carta, simplesmente, La Pucelle - A Donzela.

Claro, os ingleses zombaram das cartas de Joana. Quem era essa simplória, essa mera camponesa, para dizer-lhes para irem, quanto mais para “fazê-los” ir embora? Eles continuaram a insultar e depreciar Joana quando ela estava em Orléans, e ela continuou a enviar mensageiros exigindo sua

retirada. Os ingleses não queriam saber disso. Eles sabiam que Orléans estava à beira da derrota e acreditavam que sua fé nessa jovem louca era apenas mais um sinal de sua queda iminente. Eles a chamavam de bruxa e lunática. Foi em seus lábios que seu nome seria falado pela primeira vez em inglês, um nome que entrou para a história: Joana d'Arc.

Joana não permitiu que qualquer teimosia inglesa a detivesse. Quando os ingleses se recusaram a recuar, ela ordenou uma acusação contra eles. Jean de Dunois parou imediatamente com isso, protestando que a guarnição era pequena demais para lançar uma ofensiva contra os ingleses - ele teria que cavalgar até Blois em busca de mais reforços antes que isso fosse possível. Em 1º de maio, ele deixou a cidade, fugindo para Blois. Sem sua presença severa, Joana estava livre para fazer mais ou menos o que quisesse. Ela cavalgou para fora da cidade e inspecionou as fortificações inglesas para o espanto dos guerreiros ingleses. Eles gritaram várias calúnias para ela de suas fortificações, mas não a atacaram. Afinal, o que ela sabia sobre batalhas? Que dano ela poderia causar? Que ameaça ela poderia ser?

Capítulo 9

Voando a bandeira branca

Entre o exército francês, Joana estava rapidamente ganhando popularidade. Agora que mais soldados haviam realmente posto os olhos nela, ela estava sendo chamada de Donzela da França, a virgem salvadora que estava nas profecias por tantos anos. A resposta foi tremenda. O moral francês, saqueado por quase um século de guerra, de repente começou a subir. Os desertores voltaram ao exército e, de repente, todos os jovens nobres corajosos da França quiseram se aliar e dar um golpe no delfim, porque dizia-se que havia um santo na frente, que Deus estava do lado deles. Quando Joana cavalgava pelas ruas, ela tinha que ter uma escolta de cavaleiros com ela ou a multidão exuberante iria arrebatá-la de sua sela em sua empolgação. Eles se alinhavam nas ruas em todos os lugares que ela ia, olhando para ela com admiração.

Em 4 de maio, Dunois voltou, trazendo com ele as fileiras repentinamente inchadas do grosso do exército francês. Ele ficou surpreso ao ver o grande número de homens que haviam retornado ou se juntado graças à presença de Joana em Orléans. Joana cavalgou para encontrar o exército que se aproximava com um pequeno grupo de homens em caso de ataque, mas apesar do fato de que os ingleses estavam à vista, o exército conseguiu chegar em segurança a Orléans. Joana e Dunois jantaram juntos naquela noite, e Dunois prometeu que enviaria o pajem de Joana para ela com notícias se algum combate acontecesse.

No entanto, parece que o pajem de Joana falhou em seus deveres. Naquela mesma noite, Dunois e um grupo de 1.500 homens lançaram um assalto a uma bastilha inglesa chamada St. Loup, e Joana estava dormindo profundamente quando isso aconteceu. De repente, ela acordou e correu para sacudir seu assistente para acordar. As palavras e os pensamentos de Joana ainda eram vagos e lentos de sono, mas sua mensagem era urgente: suas vozes lhe diziam que ela precisava ir para a batalha. Apressando-se em

repreender seu pajem por seu mau comportamento, Joana ordenou que ele trouxesse seu cavalo enquanto outros assistentes a ajudavam a vestir a armadura. Com muita atividade, Joana saltou em seu garanhão branco, agarrou seu estandarte e, em seguida, esporeou seu cavalo, fazendo-o galopar loucamente para fora da cidade.

Seguida por alguns de seus companheiros, Joana cavalgou em direção a St. Loup, e foi aqui que ela testemunhou o que era a verdadeira batalha pela primeira vez. Para uma camponesa gentil, teria sido um choque horrível. Mesmo que ela tivesse que fugir dos ingleses antes, ela nunca tinha visto morte e destruição em uma escala tão terrível. Lágrimas correram por suas bochechas ao ver os feridos sendo carregados de volta para Orléans; Pior ainda foram os corpos dilacerados e destripados dos soldados que perderam a vida na luta. Eles foram espalhados descuidadamente pelo campo de batalha, seu sangue encharcando a terra, moscas zumbindo em torno de seus membros imóveis e caminhando sobre seus olhos vidrados e fixos. A pele foi rasgada para o lado, o osso estilhaçado brutalmente exposto e as entranhas foram rasgadas e derramadas de corpos inchados. Aquilo era uma batalha e era real, com sangue de verdade na terra, o fedor real da morte no ar e pessoas reais perdendo suas vidas.

Por mais real que fosse a luta, a fé de Joana era ainda mais real. Com o rosto pálido e chorando, Joana não permitiu que a visão horrível a detivesse. Ela esporeou seu cavalo e cavalgou para St. Loup. Apesar do fato de que os franceses superavam a guarnição inglesa em mais de três para um, eles estavam lutando, enfrentando mais uma derrota desanimadora até que ouviram uma voz jovem e pura gritar da direção de Orléans. Foi Joan. Quando os franceses viram sua bandeira estalando acima de sua cabeça, sua brancura totalmente contra o céu azul, eles se reagruparam. Petrificado com a “bruxa”, o inglês vacilou. Os franceses avançaram, empurrando os ingleses de volta à torre do sino do forte e, em poucas horas, os ingleses caíram. St. Loup estava nas mãos dos franceses e a primeira vitória de Joana fora conquistada.

Embora mais de 100 ingleses tenham morrido, e mesmo que Joana usasse uma espada, ninguém foi abatido por ela pessoalmente. Em vez disso, ela parecia profundamente entristecida por suas mortes, embora as tivesse considerado necessárias. Ela chorou sobre seus corpos, desejando que

tivessem atendido às advertências que ela lhes deu em nome de Deus. Mas muito mais sangue seria derramado, e essa garota inocente veria muito mais mortes e sangue antes que Orléans fosse finalmente libertado.

* * * *

A vitória em St. Loup foi apenas o começo, o primeiro gostinho de sucesso pelo qual o exército francês estava tão desesperado. No dia seguinte, 5 de maio, era o Dia da Ascensão; celebraram o dia da festa com descanso, mas Joana aproveitou para ditar uma última carta aos ingleses. Amarrando-o a uma flecha, foi atirado nas fileiras inglesas. A resposta deles foi tão zombeteira e insultou tão gravemente a pureza e o caráter de Joana que a levou às lágrimas, mas não a impediu.

Em 6 de maio, a luta começou novamente quando os franceses se reuniram para iniciar um ataque sério. O objetivo final era simples: recapturar Les Tourelles, a portaria que os ingleses controlavam desde o início do cerco. Para fazer isso, eles primeiro tiveram que destruir várias bastilhas inglesas, como Boulevard, Augustins e St. Privé. Quando o dia amanheceu, os comandantes militares ficaram horrorizados ao descobrir que os civis de Orléans haviam se reunido em torno da bandeira branca de sua heroína e formado uma milícia improvisada que era rica em paixão, mas lamentavelmente pobre em equipamento e treinamento. Mesmo assim, Joana persuadiu os comandantes a permitir que o povo participasse e, assim, eles cruzaram o Loire juntos, com o garanhão branco de Joana sendo transportado de barco pelo rio. Os cascos do cavalo branco mal haviam atingido a costa quando Joana balançou a cabeça na direção da bastilha de Boulevard, gritando para que suas tropas se reunissem em torno dela. Eles a teriam seguido para qualquer lugar e, portanto, quando ela atacou Boulevard, para consternação dos comandantes, seu povo foi com ela. O movimento, provavelmente precipitado por uma das vozes de Joan, não foi planejado e perigoso. Atacando Boulevard, eles começaram a atacar a bastilha, mas sua paixão rapidamente se desvaneceu quando gritos de desânimo foram ouvidos. Os ingleses estavam enviando reforços para Boulevard de St. Privé. O terror se apoderou dos franceses, e eles começaram a recuar, puxando fisicamente o cavalo de Joana com eles. O

que aconteceu a seguir é incerto, mas a única versão que a lenda e a história nos dão é que as tropas inglesas saíram da bastilha para persegui-la. Quando Joana os viu chegando, ela girou seu cavalo de volta e ergueu sua bandeira, gritando quatro palavras que se tornaram seu lema, seu grito de guerra e seu hino pessoal: Au Nom de Dieu! ("Em nome de Deus!"). Ela ficou sozinha, seu próprio povo fugindo, seu inimigo atacando, e ela gritou as palavras em que acreditava, segurando sua bandeira como um símbolo de esperança e coragem. Os ingleses, repentinamente desconcertados com a reviravolta dos acontecimentos, pararam derrapando. Os franceses se reagruparam e o ataque recomeçou.

Desta vez, foi um sucesso. No final do dia, St. Privé foi evacuado, Boulevard caiu e Les Augustins estava nas mãos dos franceses. Eles derrubaram todos os obstáculos que se interpunham entre eles e Les Tourelles. Agora era hora de retomar sua cidade.

Capítulo 10

Um sinal fornecido

7 de maio de 1429 amanheceu de esperança. Os franceses haviam feito mais progressos em um único dia do que desde o início do cerco, há muitos meses. Les Tourelles estava à vista, quase ao seu alcance. Graças à estranha jovem camponesa, por mais errática que suas ações pudessem ser, eles estavam começando a acreditar que talvez o cerco pudesse ser levantado afinal.

Joana provou ser corajosa, mas também era imprevisível, e sua presença selvagem incomodou alguns comandantes. Além do mais, ela havia obtido um ferimento leve, mas ainda doloroso, no pé durante a luta em Les Augustins, e então os comandantes tentaram persuadi-la a ficar em Orléans para o ataque final. Talvez Joana tenha considerado fazer o que eles pediram. Ela estivera no auge da luta naquele dia, uma luta para a qual não recebeu nenhum treinamento ou condicionamento; ela havia experimentado a destruição em massa e a carnificina impensada de uma guerra real e até mesmo sentiu o que era ser ferido nela. De repente, tudo era muito real. No entanto, mesmo isso não conseguiu persuadir Joana a mudar qualquer uma de suas convicções: ela acreditava que Deus lhe havia dito para levantar o cerco, e ela o faria, não importa o quê.

Naquela noite, ela disse a um de seus associados próximos, Jean Pasquerel, um frade que serviu como seu confessor, para ficar perto dela, “pois amanhã terei muito que fazer e mais do que jamais tive, e amanhã o sangue sairá de minha corpo acima do meu peito.” Essa previsão sinistra não pareceu ter muito efeito na determinação de Joana de se juntar à batalha que se aproximava.

Na manhã seguinte, com o raiar do dia, os franceses avançaram. Eles correram em direção aos portões de Les Tourelles, brilhantes e rápidos como os raios de sol que jorram sobre a paisagem enquanto o sol nascia, e parecia que nada poderia detê-los; uma história descreve o zelo dos

soldados franceses como tão poderoso que eles pareciam "se acreditar imortais". Seus olhos se fixaram na bandeira branca de Joana enquanto ela cavalgava diante deles, e eles se lançaram em Les Tourelles, onde bombardearam seus inimigos por horas e horas. Canhões estalaram, espadas se chocaram, vozes gritaram e, acima de tudo, a serena bandeira branca de Joana d'Arc flutuou na brisa. Ela sempre estava no meio disso, mas nunca desferia um golpe. Ela não precisava. Sua mera presença, a segurança em seus olhos azuis, e a ascensão e queda de sua voz alegre gritando seu grito de guerra de Au Nom de Dieu! era mais forte do que a espada de dois gumes mais afiada, mais poderosa do que o maior canhão.

A manhã avançou com os franceses lutando com força e perseverança. A coragem deles de alguma forma não encontrou fim, sua resistência inabalável enquanto sua amada Joana ficava ombro a ombro com eles, gritando encorajamentos. Ela não desferiria um golpe, mas era uma arma em si mesma.

Quando o sol começou a atingir seu zênite, aconteceu. A profecia sinistra que Joana fizera sobre si mesma tornou-se repentina e assustadoramente verdadeira. Jean Pasquerel, como Joana pedira, estava bem ao lado dela quando ouviu o som de uma corda inglesa. Joan, no meio do caminho ajudando a escorar uma escada contra a parede da fortaleza, mal teve tempo de olhar para cima antes que a flecha a atingisse. A força daquilo a jogou no chão, esmagando cruelmente seu minúsculo corpo contra a terra com um baque surdo e o anel da armadura. O sangue derramou no chão, e Joana deu um único grito de dor e terror quando seu estandarte balançou por um segundo e então, seu dono arrancado dele, caiu no chão.

Pasquerel estava ao lado dela quase antes que ele pudesse pensar. A flecha havia perfurado seu ombro tão profundamente que a ponta dela estava saindo de suas costas, seu metal feio brilhando com sangue úmido quando Pasquerel gentilmente a rolou de lado. De repente, a donzela brilhante e resplandecente, o líder de um exército, a inspiração das massas, era apenas uma garota de dezessete anos deitada na terra e chorando enquanto sangrava. Ela era terrivelmente, assustadoramente humana, agarrada à mão de Pasquerel, assustada e ferida.

Seus soldados ficaram igualmente abalados, mas correram em seu socorro. Levando-a para longe do calor da batalha, eles tentaram fazer o que podiam por ela. Apesar de sua dor e medo, quando um soldado chegou e se ofereceu para curá-la com feitiçaria, Joana imediatamente recusou, afirmando que ela preferia morrer a pecar. Em vez disso, os curandeiros locais fizeram o que puderam. Não foi muito. Na era moderna, ela teria passado por uma cirurgia, recebido analgésicos fortes, ficaria limpa e ficaria confortável. Mas este foi o século XV. Os curandeiros ainda não haviam aprendido a lavar as mãos. Eles a trataram com algodão, óleo e gordura de bacon. Não houve anestésico ou analgésico enquanto eles arrastavam a flecha de seu ombro.

* * * *

Quando Joana foi carregada despedaçada do campo de batalha, os corações dos soldados franceses pareciam ir com ela, dilacerados e ensanguentados como ela. Eles continuaram a lutar conforme o dia ficava cada vez mais longo, mas a cada hora, eles pareciam se cansar mais rápido. Os ingleses, zombando de que haviam matado a bruxa, se reuniram e mantiveram sua fortaleza com mais confiança. No final da tarde, Dunois teve que enfrentar o fato de que seus homens estavam vacilando. Por mais promissor que tenha sido o primeiro ataque, ele não podia negar que eles não eram nada sem Joan.

Com o coração pesado, Dunois decidiu cancelar seus homens e tentar novamente no dia seguinte. Quando Joana ouviu a notícia, ela se arrastou do lugar onde estava deitada. Fraca e pálida, mas decidida, ela implorou a Dunois que esperasse apenas alguns minutos antes de dar a ordem. Ele não teve coragem de negar a ela este pedido. Ela chamou seu cavalo, subiu na sela e partiu para um vinhedo próximo.

Entre essas videiras, Joana sentou-se e orou. Seu garanhão branco estava sobre ela como se estivesse em guarda; a suave brisa da primavera agitou o verde profundo das folhas ao seu redor, e os sons da batalha foram abafados e distantes. Ela respirou profundamente, baixou a cabeça e concentrou todos os seus pensamentos no Deus em quem confiava. E ela ouviu as vozes.

* * * *

Os soldados não conseguiam entender por que Dunois ainda não os havia cancelado. Que esperança eles tinham? La Pucelle, a Donzela que os conduzia, estava ferida. Alguns acreditavam que ela devia ter sido morta ou já estaria de volta. Ela os abandonou? Deus os abandonou? Cada dúvida consumia cada vez mais sua força mental, mesmo que cada golpe, cada mina que cavaram e cada canhão que lançassem corroesse seu poder físico. Eles estavam lutando por horas. O crepúsculo estava caindo no céu ocidental, mas Les Tourelles se manteve firme, os ingleses parecendo invencíveis. Os franceses não queriam mais lutar. Eles só queriam desistir e ir para casa.

Então, eles ouviram. A voz pura e penetrante, elevando-se acima dos grunhidos e baques brutais da batalha.

“Tout est vostre — et y entrez!” ele chorou. “Tudo é seu, entre!”

Foi Joan. Ela veio correndo até eles, carregando uma escada de escalada, apesar do braço ferido, e seus olhos estavam iluminados com esperança. Sua presença entre eles os acendeu, o brilho de sua armadura bem torneada a faísca que eles precisavam para se transformar em uma chama ardente. Ela se atirou contra as paredes, sua bandeira erguida, gritando para que se juntassem a ela. Os ingleses, que acreditaram que ela estava morta, vacilaram. Essa bruxa havia ressuscitado do túmulo ou milagrosamente ressuscitou dos mortos? De qualquer forma, era uma perspectiva assustadora. Eles hesitaram apenas por tempo suficiente. Os franceses invadiram a bastilha, forçando os ingleses a recuar. De volta à ponte levadiça. De volta à última barbacã de Les Tourelles. De volta de toda a margem sul do Loire, até que todos os ingleses foram expulsos do complexo Les Tourelles, do próprio Orléans.

Naquela noite, Les Tourelles foi retomada pelos franceses. Na manhã seguinte, os ingleses se renderam. O sinal que os examinadores de Poitiers pediram havia sido dado: de alguma forma, essa camponesa que parecia ser auxiliada pela graça divina havia chegado a uma cidade à beira da rendição e em pouco mais de uma semana trouxe uma vitória impossível.

Foi oficial. Joana d'Arc era a Donzela de Orléans, a heroína que a França esperava.

OceanofPDF.com

Capítulo 11

A Batalha de Patay

O moral dos franceses nunca esteve tão alto. Era 18 de junho de 1429, cerca de seis semanas após a vitória maravilhosa em Orléans, e os franceses faziam campanha por todo o vale do Loire desde que o cerco foi levantado. E pela primeira vez em décadas, eles estavam vencendo.

Depois de semanas atacando fortificações controladas pelos ingleses, os franceses colocaram o exército inglês em fuga. Agora, estimulados e comandados por Joana d'Arc, os franceses perseguiam seus inimigos por uma velha estrada romana em direção à cidade de Patay. Batedores haviam sido enviados para procurar os ingleses, mas ainda não haviam retornado com a palavra de seu paradeiro. Nesse ínterim, a vanguarda continuou na estrada, passando por trechos de floresta densa e arbustos. Apesar de saberem que estavam cavalgando em território inimigo e de que a vegetação circundante era tão densa que um exército inimigo poderia muito bem ser escondido nas proximidades, os franceses se moviam com confiança. A Donzela de Orléans disse a eles que eles teriam outra vitória hoje, e eles acreditaram nela. Os comandantes haviam perguntado a ela onde encontrariam os ingleses, esperando que seus santos tivessem contado a ela. Sua resposta foi enigmática, mas inspirou coragem: "Continue com ousadia, teremos uma boa orientação."

Portanto, agora a vanguarda de oitenta cavaleiros, liderada por La Hire - que também havia lutado ao lado de Joana em Orléans - cavalgava rapidamente e sem medo. Patay estava à vista; os ingleses haviam fugido o dia todo, mas os cavalos franceses estavam descansados e seus cavaleiros os estimulavam com uma nova confiança. Joan, liderando o corpo principal do exército francês, estava bem atrás deles. Eles acreditavam que não tinham nada a temer.

Estavam a apenas alguns quilômetros de Patay quando a orientação que Joana profetizou aparentemente veio em seu auxílio. Cavalgando pelo campo, o barulho das patas dos cavalos e o barulho da armadura assustaram pequenas criaturas selvagens durante toda a manhã. Ouviu-se um farfalhar repentino vindo da floresta, depois o som de cascos na estrada. Alguns dos cavalos se assustaram e os cavaleiros se esforçaram para mantê-los sob controle, olhando em volta loucamente para ver o que acabara de sair da floresta.

Foi um veado. Majestoso, gracioso, ele se lançou sobre a estrada em vôo, seus olhos escuros arregalados, sua cauda branca erguida enquanto fugia. Suas pernas eram finas como sombras, mas o carregavam pelo chão com uma velocidade de tirar o fôlego, seus chifres estendidos jogados para trás sobre seus ombros. Os cavaleiros e cavalos se acomodaram, sentindo-se tolos por terem sido assustados por um veado. O veado fugiu, desaparecendo na floresta. Então eles ouviram a gritaria. Fazendo uma pausa, os cavaleiros ouviram enquanto vozes masculinas enchiam o campo pacífico, um clamor que só poderia vir de um grande grupo de homens. E eles gritavam em inglês. O cervo, em pânico, correu direto para o exército inglês, denunciando sua posição.

La Hire rapidamente descobriu que os ingleses ainda estavam lutando para montar suas defesas usuais - uma linha de estacas afiadas na frente de linhas de arqueiros, uma formação que fora quase impenetrável para a cavalaria durante toda a guerra - e chamou sua cavalaria. Enquanto os mensageiros corriam de volta ao exército para dizer a eles que os ingleses haviam sido encontrados, La Hire chamou seus homens, colocou-os contra os ingleses e atacou.

* * * *

Desde Orléans, o exército francês gozava de vitória após vitória e, a cada luta que ganhava, o delfim confiava cada vez mais na liderança de Joan. Quando ela se encontrou com ele no dia seguinte à retirada dos ingleses de Orléans, ele era um homem mudado - exuberante de alegria e tão extasiado que alguns cronistas o descrevem como tendo quase a beijado ao vê-la, tão emocionado estava de alívio e felicidade. Joana tinha feito o que ninguém

pensava que poderia ser feito. Ela havia levantado o cerco ou, segundo ela, foi o instrumento que o próprio Deus usou para levantar o cerco.

Agora os ingleses haviam sido postos em fuga e Charles tinha várias opções quanto ao que fazer a seguir. A coisa mais sensata seria empurrar para uma campanha em direção a Paris ou Normandia, aumentando assim gradativamente os territórios que ele controlava.

Mas Joana tinha outras idéias. Assistindo aos conselhos de guerra quando podia, ela insistia que o foco deles precisava ser a próxima parte da missão que as vozes lhe haviam dado: coroar Carlos oficialmente como o rei da França. Isso só poderia ser feito em Reims, a cidade onde gerações e gerações de reis realizaram suas cerimônias de coroação. A dificuldade era que Reims estava a quilômetros e quilômetros de território inimigo, muito mais longe do que Paris, e de pouco significado estratégico. No entanto, Joana foi inflexível. Suas vozes lhe disseram para ir, e ela estava determinada a ir.

Tendo visto o que acabara de acontecer em Orléans, Charles descobriu que não podia dizer não a ela. Ela tinha que ser a santa, a heroína, a salvadora que a França esperava. Ele deu a ela permissão para liderar uma campanha ofensiva pelo Vale do Loire, rumo a Reims. No início de junho, Joana cavalgou ao lado do duque de Alençon, um de seus defensores mais fervorosos, especialmente depois que ela salvou sua vida durante uma batalha em Jargeau, avisando-o sobre um canhão que estava prestes a disparar contra ele. O duque saltou para fora do caminho e outro homem que estava perto foi morto. Isso despertou um sentimento de lealdade em Alençon, e ele fez tudo o que Joana o aconselhou a fazer.

Pode ter parecido uma estratégia sem sentido ouvir essa garota sem educação, que geralmente defendia ataques diretos mesmo quando enfrentava probabilidades improváveis, mas funcionou. Nos cinco dias entre 12 e 17 de junho, os franceses expulsaram o exército inglês do Vale do Loire, apesar dos reforços que haviam chegado de Paris. Primeiro Jargeau, depois Meung e depois Beaugency caíram diante deles. Agora os ingleses corriam para o norte e os franceses estavam logo atrás deles, prontos para outra grande vitória.

* * * *

A carga de cavalaria de La Hire avançou em direção às sebes onde os arqueiros ingleses estavam escondidos. Em pânico, a linha inglesa começou a desmoronar antes que a cavalaria pudesse alcançá-la. Uma saraivada de flechas saltou adiante, ricocheteando na armadura de placa, mas enquanto um ou dois cavaleiros gritavam e caíam, a carga continuou. Diante de uma parede de cavalos blindados correndo em direção a eles, os arqueiros deram meia-volta e fugiram.

Não foi tanto uma batalha, mas sim um massacre. Os ingleses quase não ofereceram resistência. Eles foram abatidos enquanto corriam, o exército em pânico totalmente derrotado, espalhando-se pelo campo. Quando Joana e o exército principal chegaram ao campo de batalha, a luta estava praticamente encerrada, o campo inteiro coberto de cadáveres rasgados e quebrados de milhares de ingleses.

A visão partiu o coração de Joan, embora os ingleses fossem seus inimigos. Desmontando de seu cavalo, ela se ajoelhou ao lado do soldado inglês agonizante mais próximo, embalou sua cabeça em suas mãos, e fez o possível para acalmá-lo enquanto ele desaparecia lentamente na morte.

Dois mil ingleses morreram naquele dia; dos franceses, apenas cerca de cem caíram. Foi a batalha humilhante de Agincourt novamente, mas desta vez ao contrário. Os franceses haviam vencido e estavam determinados a continuar vencendo.

Capítulo 12

Feijão para o Apocalipse

O exército que partiu de Orléans no final de junho era completamente diferente daquele que Joana havia liderado pela primeira vez em Chinon. Então, ela tinha apenas um punhado de homens, todos eles desanimados e mal se agarrando à esperança que sua bandeira branca havia lhes dado. Agora, seus homens chegavam a doze mil. Eram cavaleiros e soldados comuns e até cidadãos comuns das cidades vizinhas que haviam se armado com espadas e lanças e montado em seus pequenos pôneis de fazenda para se juntar à causa. Todos queriam seguir Joan, onde quer que ela fosse.

E apesar de algumas dúvidas de outros comandantes que acreditavam que o exército deveria se voltar para a Normandia, ela os estava conduzindo para Reims. Carlos encontrou o exército em Gien na noite depois que eles deixaram Orléans; ele estava extremamente animado, radiante com a perspectiva de finalmente receber a coroa para a qual nasceu. Joana estava serena como sempre, acreditando e insistindo firmemente que eles iriam chegar a Reims e que Charles seria coroado, não importando o que ousasse ficar em seu caminho.

No final das contas, não havia muita coisa em seu caminho. Os ingleses acreditavam que Joana era uma bruxa, uma feiticeira terrível cujas maldições eram invencíveis; ela infundiu terror em seus corações, e sua resistência derreteu diante dela, o moral despencando enquanto seus comandantes tentavam desesperadamente manter o controle sobre seus homens em pânico. As cidades podem ter sido ocupadas por ingleses, mas eram povoadas por franceses que estavam dispostos a se aliar novamente ao delfim, agora que se dizia que ele estava viajando com um santo de boa fé. À medida que se aproximavam de Reims, o exército francês mal tinha motivos para desferir um único golpe. Cidade após cidade abriram seus

portões e se renderam, dando as boas-vindas a Carlos como seu rei. Foi menos uma campanha e mais uma marcha da vitória na estrada para Reims. Foi nessa época, porém, que Joana - pela primeira e possivelmente a última vez - praticou um ato de violência. Em 29 de junho, enquanto o exército saía de Gien para iniciar sua marcha, Joana notou um grupo de mulheres rondando os portões da cidade. Em uma época em que milhares de homens foram arrancados de suas esposas e famílias e passaram semanas ou meses na estrada, desacompanhados e muitas vezes entediados, a prostituição floresceu. Aonde quer que o exército fosse, as prostitutas iam com ele, sempre nas bordas do acampamento, e este dia não foi exceção. Quando o exército deixou Gien, Joana viu que alguns dos jovens haviam notado as prostitutas. Eles se dirigiram para eles, totalmente distraídos de sua missão, e Joana ficou furiosa. Atacando em direção a eles em seu cavalo, ela arrancou sua espada. Aterrorizados pela ira de seu líder, os homens se afastaram com dificuldade, as prostitutas fugiram, mas eram lentas demais para Joan. Ignorando as prostitutas, ela atacou furiosamente os homens, golpeando-os com a parte plana de sua espada. Eles estavam protegidos de qualquer corte na borda, mas o apartamento era duro o suficiente, e Joana o balançou com uma força nascida da fúria. Ela tinha apenas cerca de um metro e meio de altura, mas atingiu o soldado mais próximo com força suficiente para que a espada se quebrasse.

Depois de castigados os soldados, Joana voltou ao comando do exército, suada e com os olhos arregalados de raiva. Nenhum homem se atreveu a olhar para uma prostituta enquanto elas partiam em sua marcha. Uma de suas primeiras paradas, a cidade de Auxerre, era familiar para Joan; ela o visitara em sua jornada de Vaucouleurs a Chinon, entrando sorrateiramente nas muralhas da cidade para ouvir a missa. Agora, ela cavalgava corajosamente em direção a ele à frente de um exército vitorioso. Embora Auxerre permanecesse leal à sua fidelidade ao duque da Borgonha, não resistiu aos franceses, em vez disso fornecendo provisões ao exército; após um breve descanso, eles continuaram em direção a uma cidade que deve ter causado considerável dor de cabeça para Charles: Troyes.

* * * *

Foi em Troyes que a própria mãe de Carlos assinou seu direito de primogenitura, dando o país a um rei inglês. A amargura deve ter enchido o coração de Charles quando eles se aproximaram da cidade. Se Isabeau não tivesse assinado esse tratado, Carlos já teria sido rei - um rei em guerra, certamente, mas pelo menos um rei verdadeiro e oficial. Ele não teria que lutar com unhas e dentes em seu próprio país apenas para ser capaz de usar a coroa pela qual acreditava ter nascido.

No entanto, aqui estava ele, aproximando-se da própria Troyes com uma vasta força de soldados leais, liderados por esta jovem estranha, mas inegavelmente carismática. Joana cavalgava ao lado do rei, agora em um cavalo negro; a bandeira branca balançava acima de sua cabeça, que exibia um corte de cabelo curto e infantil, ainda crescendo depois que ela se disfarçou de homem para a viagem a Chinon. Era de manhã cedo quando Troyes apareceu e ficou imediatamente óbvio que esta era a primeira cidade que não iria afundar sem luta. Mesmo que a guarnição em Troyes contasse com apenas 500 homens, eles atacaram corajosamente contra a enorme força de Carlos. Depois de uma luta breve, mas intensa, eles foram levados de volta a Troyes. Pouco ou nenhum dano foi feito ao exército francês, mas os fatos eram claros: Troyes iria resistir.

A cidade que havia deserdado Charles agora continuaria a ser um espinho em seu lado. Confiante de que não demoraria muito para que Troyes se submetesse, Charles ordenou que seus homens se preparassem para um cerco. A guarnição anglo-borgonhesa estava em grande desvantagem numérica, e Charles tinha certeza de que não demoraria muito para que desistissem.

Havia apenas um problema: o exército francês não tinha nada para comer. Os suprimentos que haviam comprado em Auxerre há muito se foram; agora, eles se encontravam acampados no campo, nas profundezas do território inimigo, com milhares de bocas humanas e equinas para alimentar. O verão permitia que os cavalos pastassem, mas o exército era composto de cavaleiros franceses meticolosos que estavam acostumados com uma culinária luxuosa.

A solução para esse problema era, como a própria Joana d'Arc, tão estranha e heterodoxa quanto parecia. No inverno anterior, um frade errante havia

entrado em Troyes. Sua mensagem era que o fim do mundo estava próximo, que Jesus voltaria naquele verão e que o povo de Troyes precisava estar pronto para alimentar uma hoste angelical. Por essa razão, em vez de plantar a safra normal de trigo, os fazendeiros de Troyes e arredores haviam plantado todos os seus campos com uma safra precoce de feijão.

Nenhum exército angelical desceu sobre Troyes como o irmão Richard havia prometido. Mas havia um exército que estava com fome e chegou quando o feijão começou a amadurecer.

* * * *

Troyes continuou a resistir teimosamente por vários dias enquanto o exército francês cercava a cidade. Charles começou a se perguntar se sitiar a cidade realmente valia a pena; seu objetivo era chegar a Reims, não capturar tudo em seu caminho. Ele começou a discutir suas opções com seus comandantes, muitos dos quais eram a favor de recuar e voltar para Gien. Um dos homens mais velhos finalmente conseguiu persuadi-los a consultar Joana antes de tomar qualquer decisão, considerando que haviam seguido Joana até aqui.

Sua resposta era previsível. Ela acreditava que Troyes cairia em breve, nos próximos dias, e Charles simplesmente tinha que se manter firme. Assim como ela havia pedido a Robert de Baudricourt para dizer a Charles que ele tinha que permanecer firme contra seus inimigos, muito antes que o nome de Joana d'Arc significasse algo para alguém na França, agora ela continuava a exortar o delfim a ser corajoso e perseverar .

Reunindo o exército, Joana ordenou aos soldados que comessem a construir outworks no fosso de Troyes, preparando-se para uma ofensiva em grande escala. Sua bandeira branca já lhes dera vitória antes; eles confiaram que isso aconteceria novamente, e trabalharam com fervor e sem medo.

Os anglo-borgonheses de Troyes já tinham ouvido todas as histórias sobre a bruxa de Orléans e seus terríveis poderes. Eles assistiram com desânimo enquanto os outworks de Joana tomavam forma e viram, com horror, que ela os havia organizado de maneira tão habilidosa quanto o faria qualquer comandante militar experiente. Seus aparentes poderes sobrenaturais os

assustaram, e eles enviaram rapidamente alguns dos líderes da cidade para tentar negociações pacíficas com o exército francês.

Entre eles estava o mesmo irmão Richard, cuja pregação havia fornecido aos franceses seus grãos. Embora suspeitasse de Joana no início, espirrando água benta com medo para afastar seus demônios, ele mais tarde se tornaria um de seus aliados. No entanto, apesar das dúvidas do frade, um acordo foi alcançado permitindo que a guarnição escapasse e rendesse a cidade. Mais tarde naquela manhã, os portões de Troyes foram totalmente abertos. E o delfim Charles, radiante e triunfante, poderia entrar afinal na cidade onde sua própria família o traía.

OceanofPDF.com

Capítulo 13

O Rei Francês Coroado

Catedral de Reims, 17 de julho de 1429. Foi aqui que o primeiro rei da França - então rei dos francos - foi batizado por São Remi quase mil anos atrás. E desde então, por geração após geração, cada rei da França tinha sido coroado aqui em uma cerimônia tão antiga quanto sagrada e tão venerada quanto elaborada. Os tetos abobadados se erguiam no céu, as paredes douradas e ricamente decoradas em um show de esplendor desavergonhado, e abaixo da altura imponente do telhado estavam algumas das pessoas de mais alto escalão em toda a França, mais notavelmente, o jovem rei que ajoelhou-se junto ao altar, pronto para finalmente receber sua coroa.

E entre todos eles estava Joana d'Arc, uma camponesa das fronteiras da Lorena. Uma ninguém, e ainda assim seu nome estava na boca de todos os homens na França e na Inglaterra. Ela não sabia ler nem escrever, não tinha escolaridade e era uma das pessoas de origem mais humilde de todo o país. E, no entanto, aqui estava ela, não apenas um espectador na coroação do rei da França, mas uma parte instrumental dos eventos que levaram até este exato momento. Ela derramou sua cota de sangue, suor e lágrimas para trazer Charles para Reims, e agora ela assistia com satisfação e alegria radiante enquanto a cerimônia acontecia.

A cerimônia de coroação foi elaborada. Um de seus componentes principais era um frasco de óleo sagrado, supostamente trazido a Saint Remi para o batismo de Clovis I por uma pomba descida do céu. O óleo estava alojado em um relicário de ouro puro, que continha um frasco de cristal, e era usado com moderação e reverência nas costas e ombros de Carlos, assim como fora usado em todos os seus ancestrais que haviam sido reis. Então, o condestável da França entrou, carregando uma espada real e elaboradamente esculpida que era usada simbolicamente para cavalgar o rei. Esta espada em particular, frequentemente conhecida como a Espada da

Donzela em homenagem a Joana, já se perdeu no tempo; desapareceu em algum lugar durante a Revolução Francesa, muitos anos depois. O rei recebeu então suas esporas de ouro, uma espada, suas vestes reais, anel e cetro e, finalmente, a coroa da França. Por fim, a coroa adornada com joias foi baixada sobre a cabeça do Dauphin Charles. Ele não era mais o delfim. Ele era o rei.

Durante toda a cerimônia - que durou cerca de cinco horas - Joana permaneceu imóvel perto do rei, observando em silêncio satisfeito e segurando sua bandeira. Era uma coisa esfarrapada agora, usada durante as muitas batalhas, mas a esperança que ainda mantinha batia forte nos corações de cada francês quando eles finalmente viram seu rei no trono. A própria Joana não se moveu até que o rei foi finalmente coroado. Então sua restrição parecia tê-la abandonado. Ela jogou o estandarte de lado e se atirou aos pés de Carlos, como fizera meses antes, quando identificou o rei entre trezentos cortesãos. "Rei nobre!" ela gritou, chamando-o de "rei" pela primeira vez desde aquele primeiro encontro. "Agora está cumprida a vontade de Deus, que desejou que eu levantasse o cerco de Orléans." Ela estava chorando abertamente, as lágrimas escorrendo por seu rosto enquanto se agarrava às pernas de Charles. Com a emoção tão alta quanto dentro da catedral, foi a gota d'água. Os espectadores começaram a chorar quando Joana se agarrou aos pés de seu rei e se alegrou. Ela fez o que suas vozes lhe disseram para fazer. Ela havia trazido o rei para Reims.

Com isso, a cerimônia foi encerrada com uma fanfarra de trombetas. Os trompetistas estavam tão emocionados que sua fanfarra parecia abalar a própria catedral; nas palavras de uma das testemunhas, "parecia que as abóbadas da igreja deviam ser despedaçadas".

* * * *

Reims capitulou diante do exército francês que se aproximava, abrindo seus portões sem qualquer resistência e dando as boas-vindas ao delfim para sua coroação. Agora que ele foi coroado rei Carlos VII, o rei sabia que seu trabalho estava longe de terminar. A França ainda estava em estado de guerra civil e os ingleses estavam por toda parte, especialmente fervilhando sobre sua capital - Paris.

Joana também não tinha acabado com a guerra. Apesar do fato de que as batalhas pareciam ter um profundo efeito emocional sobre ela, ela estava pronta para mais. Logo após a coroação, ela informou ao rei que suas vozes a instruíram a tomar o exército e ir diretamente a Paris para um ataque que visava retomar a cidade. O duque de Alençon previsivelmente a apoiou nessa decisão, mas Carlos não foi persuadido tão facilmente. Mesmo depois das vitórias que Joana lhes trouxe, parte dele parecia permanecer um pouco desconfiada. Ele se recusou a segui-la cegamente e, em vez disso, convocou um conselho para discutir o que fazer a seguir, onde foi decidido que seria uma jogada mais sábia tentar negociar uma trégua com o duque de Borgonha, ainda um aliado importante dos ingleses.

Nesse ínterim, Joana ficou em Reims, tendo pouco o que fazer, mas ainda sendo importante para o povo. Depois de quatro meses de atividade constante, deve ter sido um alívio ter um pouco de descanso e ficar em uma cidade por mais do que algumas semanas. E deve ter sido um estranho mundo novo para essa camponesa que nunca tivera contato com as classes mais altas fora do exército. Ela era uma das mais famosas - e também a mais poderosa, considerando que a maioria dos soldados franceses a teria seguido em qualquer lugar, mesmo que fosse contra as ordens de seus comandantes - pessoas na França, mas nada disso parecia afetá-la comportamento. Ela se recusou a se entregar aos luxos que estavam disponíveis para ela em Reims, muitas vezes recusando-se até mesmo a comer carne ou vegetais. Em vez disso, Joana muitas vezes optou por comer apenas um pouco de pão, talvez desejando a dieta simples que fazia uma vez quando era apenas uma jovem comum em Domrémy. Ela sempre disse, desde o início de sua ascensão, que se dependesse dela, ela teria ficado para trás na aldeia. Ela tinha um desejo muito maior de cuidar de ovelhas e fiar lã do que liderar exércitos e reis da coroa. No entanto, suas vozes a compeliram; ela insistiu que os santos estavam dizendo a ela o que fazer, e Joana viveu para obedecer suas ordens.

No entanto, desta vez, Charles não seria convencido a marchar diretamente sobre Paris. Em vez disso, ele estava negociando com Philip de Burgundy, ignorando Joana e suas vozes. Seria um erro terrível.

Capítulo 14

O cerco de Paris

Enquanto Joana continuava a instar o recém-coroadado rei Carlos VII a atacar Paris sem demora, o rei cravou os pés. Recusou-se a partir para Paris antes de terminar as negociações com o duque da Borgonha, por mais veemente que Joana implorasse para que ele prestasse atenção às suas palavras. Teria sido fácil, depois de tudo o que Joana conquistou durante seu tempo com o exército, sentir-se traída e afrontada pela falta de confiança de Charles nela, mas se o fez, não demonstrou. Em vez disso, ela acompanhou seu amigo, o duque de Alençon em uma marcha quase sem rumo, capturando cidades ao redor de Reims. A maioria deles se rendeu sem qualquer resistência.

Enquanto isso, enquanto Carlos tentava chegar a algum tipo de pacto com Filipe, o traiçoeiro duque da Borgonha só participava das negociações porque estava ganhando tempo. Mesmo enquanto sorria e acenava com a cabeça em seus encontros com os franceses, mesmo enquanto era amigável na superfície, Philip estava ocupado dando ordens a seus homens para fortificar Paris contra um ataque potencial dos franceses. Ele só cessou as negociações quando suas fortificações foram concluídas. Todo o exercício foi totalmente infrutífero; em vez de se aproximar da paz, Carlos só havia conseguido dar a vantagem ao inimigo. Ele teria feito bem em ouvir as palavras de Joan. No entanto, ele não fez. E por isso o exército francês pagaria o preço.

* * * *

Era final de agosto quando as negociações finalmente chegaram ao fim, e Charles decidiu que um ataque a Paris seria necessário, afinal. Joana e o resto do exército estavam se movendo pelo país em direção à capital e, em 26 de agosto de 1429, ela e seus homens capturaram uma pequena aldeia perto de Paris e se estabeleceram com suas tropas em La Chapelle. Aqui, eles começaram a enviar pequenos grupos à cidade para fazer o

reconhecimento dos portões e determinar o quanto Philip havia sido capaz de melhorar as defesas.

O que viram lhes causou grande consternação. Paris tinha sido fundada séculos atrás, no final do terceiro século AEC, e ao longo da passagem de mais de um milênio, ela só tinha crescido em importância e força. A fortaleza já era quase inexpugnável antes que o duque da Borgonha começasse a fortificá-la contra o ataque que Joana agora se via liderando. Agora, era uma visão intimidante, embora Joana e outros comandantes soubessem que sua guarnição continha apenas cerca de 3.000 homens. O exército de Carlos chegava a 10.000, mas não tinha a vantagem das fortes defesas que montavam guarda em todo o coração da cidade.

Joana dirigiu-se a uma pequena capela em La Chapelle, conhecida como Capela de Santa Genevieve, poucos dias depois de sua chegada na área. Seu propósito era orar, e é fácil ver por que ela escolheu buscar sua inspiração divina em Santa Geneviève. Nascida há mais de mil anos, ela também era uma santa virgem, uma mulher que viajou por todo o país pregando e curando. Santa Geneviève também afirmou ter tido visões de santos e anjos, talvez até de uma maneira semelhante a como Joana os tinha visto. Ela deve ter se sentido como a única pessoa no mundo com quem Joana poderia se identificar, já que as vozes de Joana continuavam a falar com ela, instando-a a ir a Paris e tomar a França de volta como seu legítimo e recentemente ungido rei. Joana ajoelhou-se na paz da pequena capela e orou, esperando que suas vozes voltassem para guiá-la.

Essa mesma capela ainda existe hoje, embora as ruas de Paris tenham crescido e inchado tanto que agora é uma parte da própria Paris. O mesmo local onde Joana se ajoelhou em oração ainda pode ser visitado hoje. À medida que o sol se punha, Joana ocupou seu lugar e, com o passar da noite, ela não se mexeu, ficando ali, toda a sua mente focada em ouvir suas vozes. Era madrugada e seu corpo estava frio, rígido e dolorido quando ela se levantou, mas Joana estava cheia de determinação. Eles tomariam Paris, e ela lideraria seu exército para a vitória mais uma vez.

Charles só chegou a Paris em 7 de setembro, depois de perder o tempo mais uma vez na agonia da indecisão. Assim que chegou com alguns reforços, Joana e o duque de Alençon deram a ordem de atacar. A própria Joana

cavalgava à frente do exército. Os anglo-borgonheses observaram com medo quando ela apareceu, uma figura feminina vestida em aço reluzente, montada em um garanhão preto que brilhou ao sol do meio-dia. Uma brisa desfraldou seu estandarte acima de sua cabeça; o branco puro contra uma paisagem em chamas com as cores quentes do outono, era um símbolo de esperança para os franceses e uma coisa de terror para todos os que se opuseram a eles.

Desta vez, não haveria tentativas de conter Joan. Os comandantes sabiam que seus homens lutavam melhor se a Donzela de Orléans estivesse à frente deles.

E na liderança estava Joan. Pegando sua bandeira, ela chamou os homens. Eles irromperam em frente, correndo em direção às paredes de Paris com zelo implacável. Joana estava bem na frente do exército, sua bandeira liderando o caminho enquanto eles avançavam contra o fosso. O ar estava cheio com o estalo e o trovão das colubrinhas - canhões medievais - montados nos montes próximos; para cada voleio que a França disparava, os parisienses voltavam, lançando mísseis de pedra sobre os homens de Joan. As bestas tilintaram, seus dardos pesados derramando nas fileiras; as espadas se chocaram enquanto eles jogavam ganchos para cima das paredes e começavam a escalar, lutando arduamente para evitar serem cortados. Foi um caos de morte e destruição, mas de acordo com uma testemunha ocular chamada Perceval de Cagny, nenhum dos homens de Joana ficou gravemente ferido, embora muitos tenham sido abatidos por balas de canhão.

No entanto, os parisienses não recuaram e as fortificações da grande cidade permaneceram firmes. Hora após hora, os homens de Joana lutaram contra as defesas e muitas vezes chegaram perigosamente perto de ultrapassá-los totalmente, mas a cada vez os parisienses conseguiam empurrá-los de volta. O sol desceu no céu, banhando os lutadores primeiro em ouro, depois no crepúsculo quando o crepúsculo caiu sobre a paisagem. Ao longo de tudo isso, Joana não vacilou. Ela se postou nas obras externas, com sua bandeira erguida, e os chamou para frente com a voz que haviam seguido tantas vezes até a vitória.

Com sua bandeira branca voando com tanto orgulho, ela era um alvo perfeito. Um besteiro parisiense mirou cuidadosamente nela, erguendo a pesada besta sobre o ombro. Então ele pegou fogo. O raio cantou pelo ar, uma coisa feia e pesada, mortal e brutal em sua simplicidade. Ouviu-se o barulho de um açougueiro, um corte de carne, e Joana desabou. O raio perfurou sua coxa. Ela desabou no chão, o sangue jorrando da ferida irregular em sua perna da seta da besta que se projetava cruelmente de sua carne jovem. Gritando de dor, ela ainda conseguiu lutar para se sentar. Ela viu que seus soldados haviam vacilado e, mesmo enquanto apertava o ferimento e sentia seu próprio sangue quente escorregar entre os dedos, sabia que precisava chamar de volta a esperança que havia neles. Elevando a voz, ela continuou a incitá-los a avançar, e eles renovaram o ataque.

Não demorou muito, entretanto, para que Charles decidisse que a luta era infrutífera. Os homens vinham lutando contra as defesas de Paris havia horas e estavam exaustos. Ele ordenou uma retirada. Joana teve que ser carregada fisicamente do campo de batalha enquanto gritava que suas vozes lhe diziam para continuar o ataque.

No dia seguinte, Joan, deitada em sua cama em La Chapelle com a perna amarrada, disse a Charles que se ele atacasse Paris novamente hoje, a cidade seria sua. Mas Charles achou muito mais fácil acreditar nela quando ela era uma donzela de armadura a cavalo, não esta garota pálida e ferida deitada em uma cama de doente. Ele cancelou o ataque. O Cerco de Paris foi declarado um fracasso, e se tornou a primeira derrota que os franceses sofreram desde que Joana d'Arc se juntou às suas fileiras.

Capítulo 15

Paz

A derrota em Paris pareceu retirar todo o fogo e energia do rei Carlos mais uma vez. Mesmo que a vitória parecesse estar tão perto, ele teve que enfrentar um fato inegável: ele não podia pagar suas tropas. As cidades que eles capturaram estavam apenas começando a pagar impostos mais uma vez; o enorme exército que Carlos reunira para chegar a Reims agora precisava ser pago, e seus cofres estavam vazios depois de anos recolhendo impostos quase apenas de Bourges. Em vez disso, Charles teve que dispersar a maior parte do exército, enviando muitos de seus soldados de volta para casa.

O inverno estava se aproximando rapidamente. Enquanto Joana se recuperava do ferimento que recebera em Paris, as folhas caíram das árvores e a primeira geada começou a atingir a paisagem à noite. Da mesma forma, o florescimento do poder de Joana começou a desaparecer. Mesmo que suas vozes nunca a tenham abandonado, a confiança de Charles o fez. Ele não era mais o desesperado “Rei de Bourges” que Joana conhecera em Chinon há mais de seis meses. Não, ele era rei agora, um rei que havia recebido a sagrada unção e conquistado mais território em três meses do que a França havia sido capaz de recuperar em anos de guerra. De repente, Joana não era mais necessária.

Não se pode dizer que Charles a maltratou nessa época. Ele parecia quase ansioso para que ela fosse feliz, fornecendo-lhe luxo sobre luxo, uma existência opulenta que teria sido quase incompreensível para aquela garota de fazenda comum que crescera entre os camponeses. A família de Joana era considerada rica porque sempre tinha algo na mesa para o jantar; muitas das pessoas com quem ela cresceu tinham ido para a cama com fome, então aqueles que eram considerados ricos simplesmente tinham suas necessidades supridas. Havia espaço para alegria e diversão, mas não havia

absolutamente nenhum para excessos ou luxo em suas vidas simples. No entanto, agora Joana se encontrava residindo em uma vasta mansão, servida por senhoras que eram muito mais elevadas do que ela. Ela recebeu roupas extravagantes para vestir e ofereceu as melhores iguarias que Charles pôde encontrar para comer. Um manto dourado foi feito para ela ser usado sobre sua armadura manchada de batalha. Mas nada disso era o que Joana queria. Seu coração ansiava por apenas uma coisa - honrar as vozes. E eles disseram a ela para sair e derrotar o inimigo que ainda controlava a maioria da França.

Para Charles e seus conselheiros, porém, a decisão era final. Eles haviam acreditado em Joana quando não tinham outra opção, mas agora que se sentiam bastante seguros em sua posição, não depositariam mais nenhuma fé nela. Nunca mais Joana d'Arc cavalgaria à frente do exército. Em vez disso, ela poderia liderar pequenos bandos em escaramuças ocasionais, geralmente apenas contra os bandidos e freebooters que atormentavam a França agora que um exército inteiro de repente se viu sem nada para fazer. Enquanto Charles negociava tréguas com os duques de Borgonha e Bedford, Joana se sentia confinada, presa e acuada, sem nenhuma maneira de obedecer aos santos que ela acreditava que a estavam guiando. Um historiador optou por usar as palavras “enfraquecimento mortal” para descrever sua condição, e provavelmente elas eram corretas.

Alguns de seus aliados, no entanto, fizeram um esforço para ajudá-la. O duque de Alençon tentou organizar uma campanha na Normandia, mas Carlos se recusou terminantemente a permitir que Joana o acompanhasse. Desanimado, o duque dispersou suas tropas. Eventualmente, seria o próprio Charles que permitiria que Joana voltasse ao campo de batalha.

Independentemente de quanta dor e preocupação ele fez Joana passar por mantê-la com sua corte, parece que Charles se importava com o bem-estar dela, e ele finalmente teve que enfrentar o fato de que manter Joana fora do campo de batalha pode estar protegendo seu corpo, mas estava partindo seu coração. Ele permitiu que ela participasse de uma pequena campanha que estava percorrendo a França e subjugando as pequenas cidades que restavam dentro do território de Carlos e que ainda não haviam se rendido.

Uma delas foi a cidade de St. Pierre-le-Moutier. Era uma cidade pequena, mas quando Joana a alcançou com um amigo de longa data e comandante

militar chamado Jean d'Aulon no comando de suas tropas, ela imediatamente opôs uma resistência vigorosa. O pequeno exército de Joana atacou, incitado pela Donzela, que estava inflexível de que a cidade iria cair. No entanto, parecia que essa batalha seria um eco horrível do que acontecera em Paris. O ataque foi um desastre. D'Aulon soou a retirada, puxando suas tropas de volta à segurança; ele próprio foi ferido, assim como muitos de seus homens. Ele lutava para recuar com uma perna machucada quando percebeu, para seu horror, que Joana não havia atendido a ordem. Em vez disso, ela resistiu ao bombardeio dos defensores quase sozinha, apenas meia dúzia de homens corajosos mantendo-se ao lado dela.

D'Aulon havia sido pessoalmente encarregado pelo rei de não permitir que nada acontecesse a Joan, então ele não poderia deixá-la para trás. Correndo em sua direção, ele gritou, pensando que talvez ela não tivesse ouvido a ordem. "Joana, retire-se, retire-se!" ele berrou enquanto seu exército disparava para longe em pânico selvagem. "Você está sozinha!"

O rosto de Joana estava radiante quando ela se virou para ele, como se banhada por uma luz celestial. Aquele brilho sobrenatural estava em seus olhos azuis novamente enquanto ela falava. "Eu ainda tenho 50 mil homens comigo!" ela chamou, sua risada cheia de confiança. "Para trabalhar, para trabalhar!" Sua voz elevada ecoou pelo campo. Seu tom claro pareceu despertar o exército em retirada de seu pânico fervoroso, e enquanto d'Aulon trabalhava junto com Joana para reunir os homens, eles se recompuseram e renovaram o ataque. Quando St. Pierre-le-Moutier finalmente caiu após o segundo ataque, deve ter sentido como uma redenção para Joana após o fracasso em Paris. Isso levou muitos de seus contemporâneos - e historiadores - a questionar se Paris poderia ter caído se Joana tivesse aquelas poucas horas extras que ela pediu.

De qualquer forma, St. Pierre-le-Moutier seria a última grande vitória de Joan. A paz estava começando a descer sobre a França, uma época de relativa tranquilidade e descanso para o povo. Mas para Joan, seus dias de glória haviam terminado. Seu sofrimento estava apenas começando.

Capítulo 16

Captura

O tratado que Carlos conseguiu negociar com os borgonheses durou pouco. Na primavera de 1430, a frágil paz se desintegrou e os soldados da Borgonha começaram a marchar sobre as cidades francesas mais uma vez. O plano do duque da Borgonha era tomar as vilas e cidades ao longo do rio Oise, protegendo assim Paris de outra tentativa do exército francês - ele sabia que a cidade estivera perigosamente perto de cair.

Uma dessas cidades, e uma das primeiras que ele planejou sitiar, foi Compiègne. Era uma cidade pequena e não totalmente fortificada, mas seus habitantes haviam declarado sua lealdade ao rei Carlos VII logo após sua coroação; agora, o duque da Borgonha estava determinado a recuperá-lo. Ele emitiu uma carta para a guarnição da cidade, lembrando-lhes que, legalmente, a cidade pertencia a ele. Não foi uma ameaça vazia, mas foi uma ameaça que não intimidou os cidadãos de Compiègne. Em vez de se submeter ao duque da Borgonha, eles se prepararam para a guerra.

Joana sabia já em março de 1430 que o perigo esperava Compiègne; se ela foi informada sobre isso por suas vozes ou aprendeu sobre isso por meios mais terrenos ainda não está claro. De qualquer maneira, ela sabia que tinha que fazer algo. Carlos recusou-se a dar a ela quaisquer tropas para comandar; era uma coisa triste para uma mulher que já comandara todo o exército, mas parecia que Charles estava contente com as vitórias que haviam conquistado e não desejava mais apostar seu poder em Joana e em suas visões. Mas ela estava longe de ser impotente. Ela continuou sendo uma das mulheres mais famosas da época, e os franceses se uniam em torno dela, com ou sem rei. Em abril, ela reuniu várias centenas de homens e os levou a Compiègne no início de maio - provavelmente sem o conhecimento do rei.

Por três semanas, Joana residiu na cidade, saboreando sua nova liberdade. Embora ela sempre tivesse honrado Charles como seu rei, mesmo quando ele ainda não era rei, sua obediência a suas vozes era mais importante para ela do que qualquer outra coisa. De qualquer forma, Charles não tentou impedi-la. Talvez ele acreditasse que ela estava comparativamente segura em Compiègne, embora ele tenha enviado alguns reforços para lá, então era evidente que ele sabia que a Borgonha atacaria a cidade.

As tropas da Borgonha já estavam acampadas ao redor da cidade quando Joana e suas tropas chegaram. Eles haviam passado despercebidos pela escuridão e, com o passar das semanas, os borgonheses continuaram a apertar o laço. Enquanto isso, Joana e o comandante da cidade - Guillaume de Flavy - trabalhavam juntos em um plano para libertar Compiègne. Envolveu uma surtida contra os acampamentos borgonheses com o plano de recuar para Compiègne se necessário, mas o objetivo era colocar os borgonheses em fuga para que uma retirada não fosse necessária.

O plano foi colocado em prática no dia 24 de maio. Joana liderou o exército no final da tarde, uma figura deslumbrante e resplandecente, toda reluzente em seu gibão dourado, as bordas fluindo sobre as ancas de seu garanhão enquanto sua cavalaria galopava atrás dela em direção ao primeiro dos acampamentos. Mas havia problemas surgindo. Uma força inglesa havia chegado para ajudar a Borgonha e se dirigia rapidamente para a cidade, para Joana e seu pequeno exército.

De volta à estrada elevada que levava de volta a Compiègne, Guillaume de Flavy e seus homens foram encarregados de proteger a estrada para garantir que a cavalaria pudesse recuar com segurança, se necessário. Eles assistiram com apreensão enquanto Joana liderava seu ataque. Trovejando nas fileiras dos borgonheses, liderados por aquela bandeira branca, os franceses se chocaram contra seus inimigos; do bulevar perto das muralhas da cidade, canhões gritaram, seu estalo alto enchendo o doce ar da primavera, e os ingleses que chegavam foram jogados para trás por fogo pesado.

Mas Joana também. Sua cavalaria foi empurrada para trás e forçada a recuar uma curta distância para se reagrupar. Vários de seus homens olharam para

a convidativa estrada aberta de volta à cidade, guardada por uma ponte levadiça abaixada e uma ponte levadiça elevada. Mas Joana logo afastou qualquer pensamento de retirada de suas mentes. Gritando que a vitória era certa, ela brandiu sua bandeira e esporeou seu cavalo. Eles renovaram seu ataque, colidiram com os borgonheses e, desta vez, foram vitoriosos.

No entanto, quando a primeira linha de borgonheses rachou, outro acampamento galopou em sua ajuda. Joana girou sua cavalaria bem a tempo de enfrentá-los. Ela e seus homens se viram pressionados em ambos os lados, lutando violentamente contra seus agressores; Joana estava sempre no meio disso, nunca desferindo um golpe, mas sempre segurando sua bandeira e gritando encorajamentos para qualquer um que pudesse ouvi-la.

No entanto, desta vez, não foi o suficiente. Os reforços ingleses estavam começando a aparecer. Onda após onda de inimigos avançou sobre os soldados de Joana, e sua coragem começou a falhar diante de um número tão esmagador de inimigos. Eles estavam em grande desvantagem numérica, e Joana percebeu isso. Ela ficou calma, reunindo seus homens com gritos de encorajamento, sabendo que seu plano havia permitido uma retirada, se necessário. Ela ordenou a retirada e seus homens giraram seus cavalos e os chutaram em direção a casa. Os cavalos não precisaram ser avisados duas vezes. Eles correram de volta para Compiègne, todos exceto o garanhão de Joan. Contido, ele lutou e mergulhou, querendo seguir seus aliados, mas Joana o segurou, seu estandarte estalando acima de sua cabeça, sua única proteção. Ela só o deixou ir uma vez que cada um de seus homens sobreviventes se separou da batalha. Então ela seguiu na retaguarda de suas tropas, mantendo-se entre eles e o inimigo, assim como sempre estivera na vanguarda de todos os ataques.

Galoparam em direção a Compiègne, os cascos dos cavalos zumbindo na estrada elevada. Foi tão perto. A segurança estava a apenas alguns metros de distância, com o primeiro dos homens de Joana já alcançando a ponte levadiça. Ela mesma estava na estrada, atravessando a ponte, quando Guillaume de Flavy gritou uma ordem para fechar a ponte levadiça. Os borgonheses estavam logo atrás dos franceses e ele acreditava que fechar a cidade era a única maneira de salvá-la. Ou talvez sua traição tenha sido intencional; a verdadeira história por trás de suas ações se perdeu no tempo. No entanto, de qualquer forma, sabemos uma coisa. A ponte levadiça se

fechou. A ponte levadiça caiu no chão. E Joana d'Arc, a heroína da França, estava presa. Atrás dela, ela tinha uma horda de inimigos furiosos determinados a derrubar essa bruxa, e na frente, uma porta fechada para ela por seus próprios amigos.

Um punhado de guardas pessoais de Joana havia permanecido perto dela, e agora eles se viraram para enfrentar a massa de borgonheses que avançava sobre eles. Foi uma luta que eles sabiam que perderiam, mesmo sabendo que não tinham escolha a não ser lutar. Um por um, eles foram cortados, massacrados por seus inimigos, até que sobrou apenas Joan. Ela girou o cavalo, tentando encontrar um caminho seguro, mas não havia nenhum. Foi um arqueiro borgonhês rude que a alcançou primeiro, um homem malicioso, o rosto contorcido de ódio ao ver aquela mulher que fizera o que ninguém mais havia sido capaz de fazer. Antes que Joana pudesse fugir, ele agarrou seu gibão dourado cintilante e puxou. Ela foi arrancada da sela e jogada no chão, sua armadura amassada e manchada de poeira, a respiração foi arrancada de onde ela caiu.

* * * *

Joana não teve outra escolha a não ser se render. Ela foi imediatamente capturada e arrastada do campo de batalha por seus inimigos. Embora Compiègne tivesse sido defendido e estivesse a salvo da Borgonha por enquanto, a batalha dificilmente poderia ser considerada uma vitória. A maior arma que a França tivera durante a Guerra dos Cem Anos, uma das mais originais, mais improváveis e, ainda assim, mais bem-sucedidas comandantes militares que já conheceu, havia sido perdida. Ela se foi, levada para o cativeiro, perdida para a França. E não demoraria muito para que ela se perdesse neste mundo também.

Capítulo 17

Cativo

Joana foi levada para o castelo próximo de Beaurevoir, onde deveria começar seu longo cativeiro. Não foi algo inesperado para ela. Já no início de abril, ela testemunhou que Santa Catarina e Santa Margarida a visitaram e disseram que ela logo seria capturada e forçada a suportar uma longa e infeliz prisão. Joana implorou que fizessem o contrário, que permitissem que ela fosse morta em batalha, em vez de ficar presa em alguma fortaleza inimiga, mas as vozes eram implacáveis. Deus a ajudaria, eles disseram, mas não havia outra maneira. Ela ia se tornar uma prisioneira.

E agora, ela era uma prisioneira - talvez a prisioneira mais valiosa da história da Guerra dos Cem Anos, embora reis e príncipes tivessem se encontrado atrás das grades em algum momento durante seu triste e difícil curso. Por mais valiosa que fosse, no entanto, não foi bem tratada. Décadas atrás, o rei João II da França havia sido preso na Inglaterra; ele ganhara uma vida luxuosa com músicos da corte e uma casa confortável para chamar de sua. Nenhum desses privilégios foi concedido a Joan. Há muito ela era vista com extrema suspeita, e agora que estava nas mãos de seus inimigos, eles não iriam tratá-la com outra coisa senão a aspereza que sentiam ao se tornar uma feiticeira.

É um fato triste e amargo que Joana não tivesse esperança de resgate. Ela havia efetivamente mudado Carlos de um Delfim desesperado, prestes a fugir para a Escócia para viver uma vida de exílio desgraçado, para o Rei da França, que comandava um exército e controlava grande parte de seu país mais uma vez, mas nenhuma ajuda viria a ela daquele trimestre. Charles ouviu falar de sua captura e quase a dispensou. Ele escreveu algumas cartas ameaçadoras para a Inglaterra e a Borgonha durante o cativeiro de Joan, mas não tomou nenhuma atitude. Não houve tentativa de resgatá-la, e

Charles não reuniu seu exército e tentou tomar o castelo onde ela estava sendo mantida. Suas ações cheiram a abandono; sua atitude, de ingratidão. Enquanto isso, Joana estava presa na torre de Beaurevoir, constantemente acompanhada por um guarda. Isso imediatamente começou a representar um problema. Por mais que se conduzisse com modéstia a todos os relatos, Joana ainda era uma mulher - uma mulher jovem, bonita e bem-torneada, e começou a atrair atenção indesejada quase imediatamente. É difícil compreender exatamente como esse tratamento deve ter sido difícil para Joan. Ela havia crescido em uma pequena vila que se orgulhava de sua fé católica, um lugar formado por fazendeiros e mercadores que se conheciam e se conheciam há gerações, um lugar pequeno demais para um escândalo. Então ela havia sido a Donzela, a virgem que salvaria o reino, reverenciada e sempre tratada com respeito. Agora ela era apenas uma prisioneira e se viu tendo que lutar contra os avanços obscenos de seus guardas e visitantes, tentando ao máximo manter-se pura da maneira que havia jurado a seu Deus que o faria.

Em seu desespero, Joana recorreu à mesma defesa que empregara em sua jornada para Chinon: roupas masculinas. A malha apertada da época, enfiada nas botas, era pelo menos alguma proteção contra aqueles que pensariam em estuprá-la. Embora seus captores muitas vezes tentassem persuadi-la do contrário, ela se recusou a usar um vestido de mulher. Em uma época em que as mulheres nunca eram vistas usando qualquer tipo de calça, era escandaloso, estranho e até - para alguns - um ato de pecado. No entanto, para Joan, foi uma tentativa de pânico de manter sua pureza.

Entre o medo por sua virgindade e sua preocupação sobre como as coisas estavam indo no resto da França, Joana foi levada a extremos em suas tentativas de escapar de Beaurevoir. Sua primeira tentativa foi feita já em 6 de junho, quando conseguiu bater a porta em sua guarda na torre e tentou fugir. Seu plano foi frustrado quando um carregador topou com ela naquele momento e conseguiu recapturá-la.

* * * *

A própria torre onde Joana tentou trancar sua guarda era sua prisão. Ela tinha apenas uma pequena liberdade: caminhar ao redor do topo da torre e

olhar o campo por entre as ameias. Estava a mais de vinte metros do chão e não havia como descer: apenas a queda brusca das paredes até o solo rochoso abaixo. Certa manhã, enquanto Joana estava parada no ar frio do outono, ela olhou para a queda e um pensamento tomou conta de sua mente.

Mesmo agora, abandonada e presa, Joana não tinha nenhuma intenção de tirar a própria vida. Mas uma esperança selvagem começou a bater em seu peito. Se ela, uma camponesa, conseguiu levantar em apenas alguns dias um cerco que durou três quartos de um ano, certamente escapar daquela torre não seria um milagre impossível. Ela caminhou até as ameias e subiu na parede baixa, mantendo as mãos apoiadas nas ameias de cada lado dela. A queda ficou aberta abaixo dela, mas não conseguiu assustá-la. Talvez se ela pulasse, ela pudesse correr, desaparecer no campo e encontrar o caminho de volta para seus homens.

Mais tarde, Joana contaria como suas vozes haviam chegado naquele momento e implorou que ela não pulasse, insistindo que não era a vontade de Deus. Mas esta era a única vez em que ela escolheria ignorá-los. Joana deu um pulo. O vento uivava contra ela, agarrando seu cabelo crescente, gritando em seus ouvidos enquanto o chão se aproximava cada vez mais ...

Ela atingiu o chão com uma força que a deixou sem sentido. O impacto deveria tê-la matado. Em vez disso, Joana escapou com apenas uma concussão e alguns arranhões e hematomas; cada osso de seu corpo ainda estava completamente intacto.

* * * *

Em novembro de 1430, logo após sua tentativa de fuga, Joana foi vendida como uma peça de mobiliário. Os borgonheses ainda eram aliados dos ingleses e, após meses de negociações, concordaram em vendê-la a seus amigos ingleses pela soma de 10.000 libras tournois. Ela foi despachada sem cerimônia para Rouen no final de dezembro, então uma fortaleza mantida pelos ingleses na França, e aqui seu cativo começou a piorar.

Enquanto ela era mantida em uma cela de torre em vez de na masmorra, Joana ainda tinha que lutar contra o frio, a escuridão, a umidade e as pragas - e essas não estavam apenas na forma de ratos. Os guardas ingleses eram ainda piores do que os borgonheses. Joana tinha pavor deles e, para piorar as coisas, não havia como andar livremente em Rouen como em Beaurevoir.

Talvez por causa de suas tentativas de fuga, Joana agora foi mantida não apenas em uma cela, mas acorrentada. Suas pernas foram algemadas e então acorrentadas uma à outra e à cama; as correntes estavam tão apertadas que ela não conseguia andar sem ajuda. Para uma jovem que nunca conheceu nada além da liberdade, esse tratamento deve ter sido totalmente intolerável. Ela cresceu correndo pelos campos de Domrémy e então viveu na vanguarda do exército de Carlos, cavalcando um garanhão pela vastidão da França; no entanto, agora era como um castigo mudar-se apenas da cama para a cela ao lado, que servia como seu toalete tosco e fedorento.

Para piorar as coisas, os ingleses, apesar de todas as suas leis, estavam decididos a perseguir Joana de todas as formas que pudessem. As prisioneiras geralmente eram mantidas em um convento em vez de uma cela, onde eram vigiadas por freiras e normalmente nunca eram algemadas. Os prisioneiros de guerra, por outro lado, eram tratados com a mesma grosseria de Joan. No entanto, pelo menos os prisioneiros de guerra tinham a vaga esperança de serem libertados assim que a guerra acabasse.

Não haveria nenhuma esperança para Joan. Pouco depois de sua chegada a Rouen, tornou-se evidente que os ingleses não tinham nenhuma intenção de libertá-la. Eles teriam seu julgamento. E eles iam executá-la, fosse o julgamento justo ou não.

Capítulo 18

Um santo julgado por heresia

Tudo no julgamento de Joana foi injusto. Para começar, não havia motivos para iniciar um julgamento eclesiástico. Muito de seu julgamento foi registrado, e os documentos relativos a ele foram estudados extensivamente por todos os tipos de especialistas ao longo dos séculos, mas nenhum deles conseguiu encontrar evidências que - nas leis daquela época - justificassem a decisão de colocá-la em apuros. Ela foi levada a julgamento de qualquer maneira, e ficou óbvio que aquele não era um julgamento real. Foi simplesmente uma tentativa de desacreditar Joana tanto quanto possível antes de sua execução inevitável.

A corte que foi montada para julgar Joana consistia quase inteiramente de ingleses, borgonheses e seus simpatizantes. Aqueles que ousassem questionar a agenda do julgamento foram secretamente ameaçados de morte se se recusassem a obedecer. Para piorar as coisas, muitos dos documentos envolvidos no julgamento de Joana foram falsificados para garantir que ela não pudesse vencer. E o último golpe foi recusar à Joana qualquer forma de representação legal. Ela representou a si mesma. Ela não teve escolha.

No entanto, logo ficaria óbvio para os captores de Joana que isso não era tanto um problema para ela quanto eles esperavam que fosse. A Donzela da França estava prestes a surpreender todos ao seu redor mais uma vez. Uma última vez.

* * * *

21 de fevereiro de 1431. Passaram-se apenas alguns meses desde que Joana foi trazida para Rouen, e ela já se encontrava diante do tribunal, diante de uma sala cheia de inimigos, sem um único amigo para ajudá-la. Ela tinha sido abandonada por todos - todos menos suas vozes, e ainda assim, de alguma forma, elas pareciam ser o suficiente para ela. Ela entrou na sala totalmente controlada, e essa foi a primeira coisa que enervou o tribunal.

Eles provavelmente nunca tinham visto Joana em suas vidas; eles esperavam algum naufrágio trêmulo, algum fragmento assustado e trêmulo de uma garota que só tinha respostas erradas e trêmulas. Afinal, ela era uma camponesa analfabeta.

Em vez disso, entrando na sala, Joana se aborreceu com a humildade de uma santa, mas com a confiança de uma rainha. Ela deu uma única olhada firme na sala com seus estranhos olhos azuis, e imediatamente eles puderam ver que ela não estava com medo. Para piorar as coisas, eles sabiam - embora provavelmente ela não soubesse - que uma investigação preliminar já havia sido conduzida e pessoas de seu passado foram entrevistadas para estabelecer seu caráter. Ninguém foi capaz de dizer nada contra ela, então os ingleses sabiam que teriam seu trabalho dificultado para encontrar qualquer tipo de justificativa para sua morte.

O bispo Pierre Cauchon fez a primeira pergunta a Joan, uma pergunta rotineira a respeito do juramento sob o qual ela testemunharia. "Você jura falar a verdade em resposta às perguntas que forem feitas a você?" ele perguntou.

Joana o olhou com olhos de aço. Ele esperava que ela resmungasse humildemente um sim. Em vez disso, sua resposta foi tão destemida quanto a do exame em Poitiers. "Não sei sobre o que você deseja me examinar", ela disse calmamente, sabendo muito bem que ninguém poderia realmente provar por que ela estava sendo julgada. "Talvez você possa perguntar coisas que eu não diria."

Isso daria o tom para todas as respostas de Joana durante o julgamento. Ela se recusou a aceitar o juramento e, conseqüentemente, se recusou a dar respostas completas durante grande parte do julgamento também. Quanto a seus santos e vozes, ela descreveria quem eram e o que haviam dito com clareza, mas se recusava a entrar em muitos detalhes sobre sua aparência, dizendo que não tinha permissão para revelar tudo sobre eles. Quanto à audiência com Charles, ela se recusou terminantemente a compartilhar os detalhes confidenciais de seu primeiro encontro. "Pergunte a ele", disse ela ao tribunal com ousadia.

Mas não haveria como perguntar a Charles. Charles não aceitaria o julgamento. Joana estava sozinha diante de alguns dos teólogos mais

prestigiosos do mundo conhecido e, ainda assim, estava absolutamente destemida.

No primeiro dia de seu julgamento, seus promotores disseram-lhe que se ela fizesse mais tentativas para escapar de Rouen - como ela havia continuado a tentar, sem se intimidar por sua experiência de quase morte em Beaurevoir - ela seria imediatamente condenada por heresia. Joana rejeitou essa declaração imediatamente, sabendo que era ilegal. Ela continuaria a se recusar a jurar dizer a verdade em todas as coisas, embora ela fornecesse muitas informações sobre as vozes.

Pelos próximos dias, Joana seria questionada todos os dias em algo que mais parecia um interrogatório do que um julgamento. Todos os dias ela discutia com o tribunal sobre o juramento, e todos os dias o tribunal tentava um novo ângulo para provar que suas vozes não eram nada além de uma alucinação, uma manifestação psicológica de uma peculiaridade fisiológica que surgiu como resultado de seus hábitos ou saúde. Até hoje, embora muitos especialistas na área médica tenham estudado seu caso, ainda não se pode dizer de onde vieram essas vozes. Ela era robusta demais para sofrer de uma das doenças típicas da época e lúcida demais para ter uma doença mental reconhecível.

Joana testemunhou que as vozes ainda estavam com ela e que uma havia falado com ela no mesmo dia de uma de suas sessões, dizendo-lhe para “Responder com ousadia; Deus vai te ajudar. ” E ousadamente ela respondeu, às vezes atrevendo seus questionadores, dizendo-lhes que ela não tinha nada a dizer a eles ou descrevendo eventos ou visões com uma clareza e calma que ninguém poderia esperar. Ela foi questionada sobre todos os aspectos de sua vida, desde as profecias que a cercavam até as visões que teve até suas campanhas e seus relacionamentos com outras pessoas. Também lhe foram feitas perguntas teológicas, algumas delas tão difíceis que se pensava que nenhum camponês deveria ser capaz de respondê-las - como muitos teólogos não podiam.

Uma delas foi "Você sabe se está na graça de Deus?" Na Igreja Católica, essa era uma pergunta capciosa; responder “sim” seria considerado orgulhoso e presunçoso, enquanto responder “não” seria tão bom quanto

uma confissão de pecado. A resposta de Joana foi instantânea e sem hesitação, e surpreendeu toda a corte. “Se eu não sou, que Deus me coloque lá; se estou, que Deus me guarde ”, respondeu ela. Sua resposta deixou seus questionadores sem palavras.

Na verdade, Joana frequentemente respondia com uma sabedoria e compreensão que assustava o tribunal, e seu julgamento tornou-se um embaraço para os ingleses. Não poderia mais ser realizada publicamente; em vez disso, de meados de março em diante, ela foi interrogada na prisão.

Agora o julgamento começou a piorar. Embora Joana não tenha vacilado, ela começou a perceber que independente do que respondesse, ela seria condenada. Ela começou a alertar os promotores de que se a julgassem mal, Deus seria seu protetor. Entregue em sua típica maneira calma e com seus olhos penetrantes, deve ter sido enervante. Mas os juízes estavam ganhando terreno, começando a encontrar algo sobre o qual poderiam condená-la. Eles não conseguiram encontrar nenhuma evidência para acusá-la de bruxa, mas uma coisa era inegável. Joana costumava se vestir como homem. Na verdade, estando no próprio tribunal, ela estava vestida como um homem enquanto a questionavam. Durante esse período, o travesti foi considerado um crime hediondo e um sinal de heresia.

Por mais que Joana e as testemunhas que o tribunal questionou - entre elas o próprio Jean de Metz - argumentassem que vestir-se como um homem era simplesmente uma precaução razoável e normal, o tribunal reconheceu que finalmente havia conseguido algo que poderia condenar ela para. Embora Joana tenha protestado que ela estava usando apenas a malha para evitar o estupro de seus guardas, o tribunal não fez nenhuma tentativa de defender sua virgindade. Em vez disso, após semanas de julgamento, o tribunal finalmente chegou a uma decisão. Joana foi considerada culpada de travesti. E ela foi condenada à morte.

Capítulo 19

A Queima de Joana d'Arc

A alma de Joana foi quebrada, mas sua convicção não. Lágrimas escorreram por seu rosto ao ouvir o bispo ler sua sentença de morte. Em um momento que ela viu como fraqueza, ela confessou a heresia no dia anterior, mas ela rapidamente renunciou a sua confissão, e agora era 30 de maio de 1431, e ela estava prestes a ser queimada na fogueira.

Ela continuou a ouvir enquanto o bispo lia sua frase. A estaca foi preparada, a lenha espalhada sobre sua base. Oitocentos soldados estavam ao redor dela, armados até os dentes; mesmo agora, eles ainda temiam o poder de Joana d'Arc.

“Decretamos”, continuou o bispo, “que você é uma herege reincidente, por nossa presente sentença que, sentado em um tribunal, proferimos e pronunciamos neste escrito; nós a denunciemos como um membro podre ...”

Joana orou baixinho para si mesma, levando a mão ao peito para sentir a forma minúscula e dura de uma pequena cruz de madeira que um dos soldados ingleses fizera para ela, provavelmente da própria madeira com a qual estava prestes a ser queimada. A forma dela a tranquilizou um pouco, permitindo que ela ficasse quieta e ouvisse o resto da frase.

Então ela foi levada ao fogo. Ela foi seguida de perto por Frei Martin Ladvenu, seu confessor; ele carregou consigo o crucifixo da igreja local, que ela implorou que ele trouxesse para que ela pudesse olhar para o rosto de seu amado Jesus enquanto ela queimava. Ela chorava constantemente e lamentava ao ser amarrada à fogueira, mas não resistiu. E então, sem mais delongas, o fogo foi aceso embaixo dela. As chamas lambeiram ao longo da madeira, rugindo mais e mais alto, mais perto de seus pequenos pés onde ela estava na estaca. Ela usava vestido de mulher, mas seu cabelo ainda não tinha o comprimento normal da época; caiu, solto e escuro, por seus ombros enquanto ela mantinha os olhos fixos resolutamente no crucifixo. As

chamas continuaram subindo e, à medida que subiam, ela implorou a Martin que levantasse o crucifixo cada vez mais alto. Ele o ergueu, vendo as chamas refletidas em seus olhos azuis brilhantes. Ela mal piscou, mesmo quando a fumaça a envolveu.

"Jesus!" Foi um grito de socorro ou um pedido de misericórdia - ninguém poderia dizer com certeza, mas seu desespero absoluto era inegável.

"Jesus!" ela gritou novamente, seus olhos cheios de lágrimas ainda fixos na cruz. "Jesus!"

Os espectadores choravam; os soldados ingleses ficaram chorando enquanto observavam Joana queimar, as chamas subindo para cobrir seu corpo, lambendo as pontas de seu vestido, queimando seus braços e pernas.

"Jesus!" Joana gritou. "Jesus!"

Houve um momento de silêncio. Joana estava escondida nas chamas agora, bem no centro da chama bruxuleante. Então veio um grito final. Estava alto e vibrante, e havia algo mais do que medo nisso. Algo que poderia ser reconhecimento ou até alegria.

"Jesus!"

E então Joana d'Arc estava morta.

* * * *

Quando o fogo acabou, os ingleses fizeram questão de vasculhar a fuligem, procurando cinzas humanas para provar que Joana estava realmente morta, que não haveria retorno da maior heroína da França. Quando encontraram suas cinzas, eles as carregaram para o rio Sena, onde foram jogadas descuidadamente na água. Flutuando e se enrolando dentro das ondas, esses pequenos flocos cinzentos foram tudo o que restou na terra desta pessoa brilhante e brilhante. Sua voz pura e aguda. Seus penetrantes olhos azuis. Sua postura ereta sobre um cavalo, a determinação feroz com que brandia sua bandeira. Tudo se foi, apenas um pouco de poeira cinza agora, carregada pela corrente do Sena.

Mas Joana acreditava que esse não era o fim da história. Ela acreditava, e disse a Frei Martin, que estaria no paraíso pela graça de Deus. Ela acreditava que naquele dia estaria cantando e dançando no céu com o Deus em quem confiava. E depois de tudo que sofreu, depois da guerra que não

pediu, da traição que sofreu e da prisão que teve que suportar, ela ainda acreditava que a eternidade pela qual ansiava valeria a pena.

OceanofPDF.com

Conclusão

Nos anos que se seguiram à morte de Joana d'Arc, Carlos VII continuaria a governar a França e se tornou um rei capaz que estabeleceu um dos primeiros exércitos permanentes do mundo medieval. Este movimento não soaria apenas o primeiro toque de morte da era da cavalaria, que acabaria por encerrar a Idade das Trevas, mas também encerraria sua vitória sobre a Inglaterra na Guerra dos Cem Anos. Duas décadas depois da morte de Joan, a guerra terminaria. A França obteve uma vitória decisiva e os ingleses foram rechaçados para a Grã-Bretanha, expulsos das fronteiras da França para sempre em 1453.

O nome de Joana ainda permanecia em cada par de lábios do reino, embora suas cinzas já tivessem se dissolvido no Sena. Embora a guerra tenha sido vencida por um bom comando militar durante os últimos anos do reinado de Carlos, ninguém podia negar - ou pode negar agora - que o aparecimento de Joana d'Arc trouxe o que poderia ser considerado uma mudança milagrosa na guerra. Antes de chegar a Chinon, a França estava sem dúvida perdendo a guerra; para os ingleses e para o próprio Carlos, parecia ser apenas uma questão de tempo até que a França se perdesse. No entanto, a França não perdeu. Venceu a guerra e só começou a vencer quando uma estranha adolescente camponesa chegou à corte do rei e o convenceu de que Deus a havia enviado para salvar seu país.

Apesar do fato de Joana continuar sendo uma das figuras mais bem estudadas da Idade Média, os cientistas ainda não foram capazes de identificar uma causa para suas visões. Seja qual for a causa, eles a fizeram uma das figuras mais lendárias da França, um símbolo da identidade nacional do país e uma das primeiras mulheres guerreiras que começaria a virar a maré em um mundo dominado por homens.

Em 1452, muito depois de sua morte, mas antes do fim oficial da guerra, a mãe de Joana solicitou um novo julgamento. Ela sabia muito bem que sua filha morrera injustamente e não suportava ver Joana entrar para a história como herege. O papa Calixtus III concordou com o julgamento e, após três anos de investigação, o nome de Joana foi inocentado em 1456. Em vez

disso, o bispo que a julgou, Pierre Cauchon, foi considerado culpado de heresia por persegui-la devido à sua agenda política.

Nos anos que se seguiram, várias estátuas e outros monumentos foram erguidos para Joan. Alguns dos lugares que desempenharam um papel fundamental em sua vida - como seu local de nascimento e a torre em Rouen, onde ela foi presa - ainda existem e se tornaram grandes atrações turísticas. Estátuas de seu estande em Paris e Orléans, entre outros. Vários livros e filmes foram feitos sobre ela, incluindo uma famosa biografia de Mark Twain.

Joana também foi tema de algumas teorias interessantes, algumas das quais a celebram como um gênio, outras a chamando de louca, pagã ou simplesmente um mito. Uma coisa que permanece certa é que Joana é uma figura misteriosa, e muitas perguntas sobre sua vida ainda não foram respondidas pela história e pela ciência. Para a fé cristã, ela é um símbolo do que Deus pode fazer por meio de pessoas pequenas e comuns.

Esse fato foi demonstrado há pouco mais de cem anos, quando Joana foi oficialmente canonizada em 1909-497 anos depois de seu nascimento. Ela ficou conhecida como Santa Joana, a padroeira da França. Agora, um dia de festa foi dedicado a ela, bem como um feriado nacional; canções de mobilização na Primeira Guerra Mundial a mencionavam e falavam de sua história, e até hoje, ela continua sendo um símbolo de esperança e inspiração.

Ainda assim, há algo um pouco trágico na história de Joan. Em suas próprias palavras, ela nunca pediu para ser uma donzela guerreira. Tudo o que ela queria era uma vida simples e comum girando em lã na pequena Domrémy chata. Em vez disso, ela teve que suportar batalhas e traição, provações e execução, traição e dúvida. Ela teria uma morte horrível e dolorosa de mártir na tenra idade de apenas dezenove anos, condenada pela própria igreja que ela servia com tanto fervor. E ainda, de acordo com Joan, ela sabia o que estava por vir. Ela havia caminhado para a própria morte com os olhos abertos, impulsionada por sua devoção apaixonada à sua fé e à França.

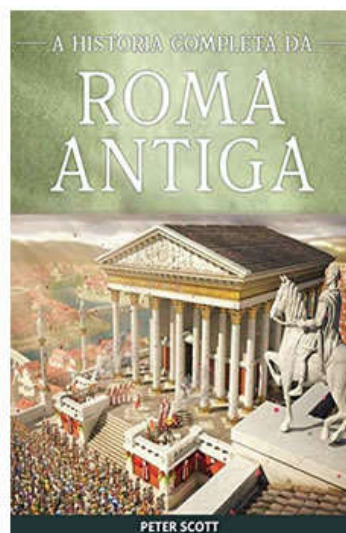
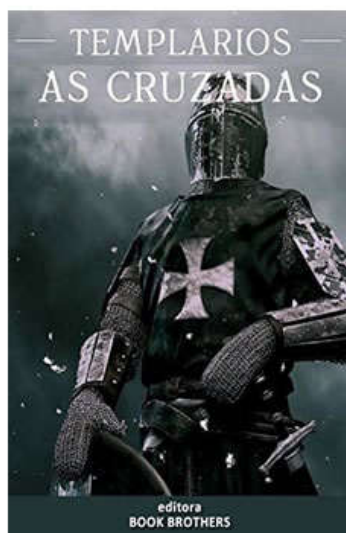
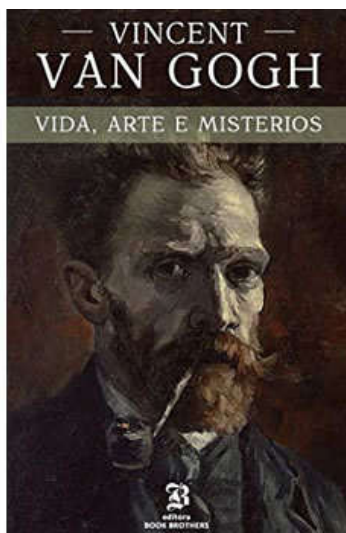
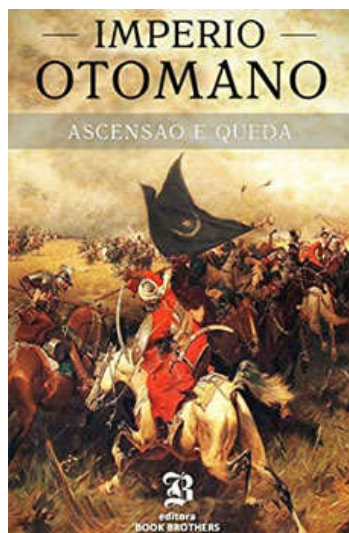
Joana era muitas coisas: misteriosa, determinada, enigmática, fiel e, sem dúvida, um pouco estranha. Uma coisa, porém, se destaca em sua história,

percorrendo a tapeçaria de sua vida como um fio de ouro. Em uma guerra que havia sido iniciada pela ganância, quando um rei faminto por poder decidiu que um reino simplesmente não era suficiente, as ações de Joana são marcadas pelo altruísmo. Repetidamente, ela escolheu um caminho que muitas vezes resultou em dor e infelicidade para si mesma. Se ela não tivesse, a França poderia nunca ter vencido a guerra. E a história seria muito, muito diferente.

OceanofPDF.com

CONTINUE DESCOBRINDO – EDITORA BOOK BROTHERS!

Confira alguns de nossos ebooks abaixo com valores exclusivos, a partir de R\$ 1,99:



OceanofPDF.com